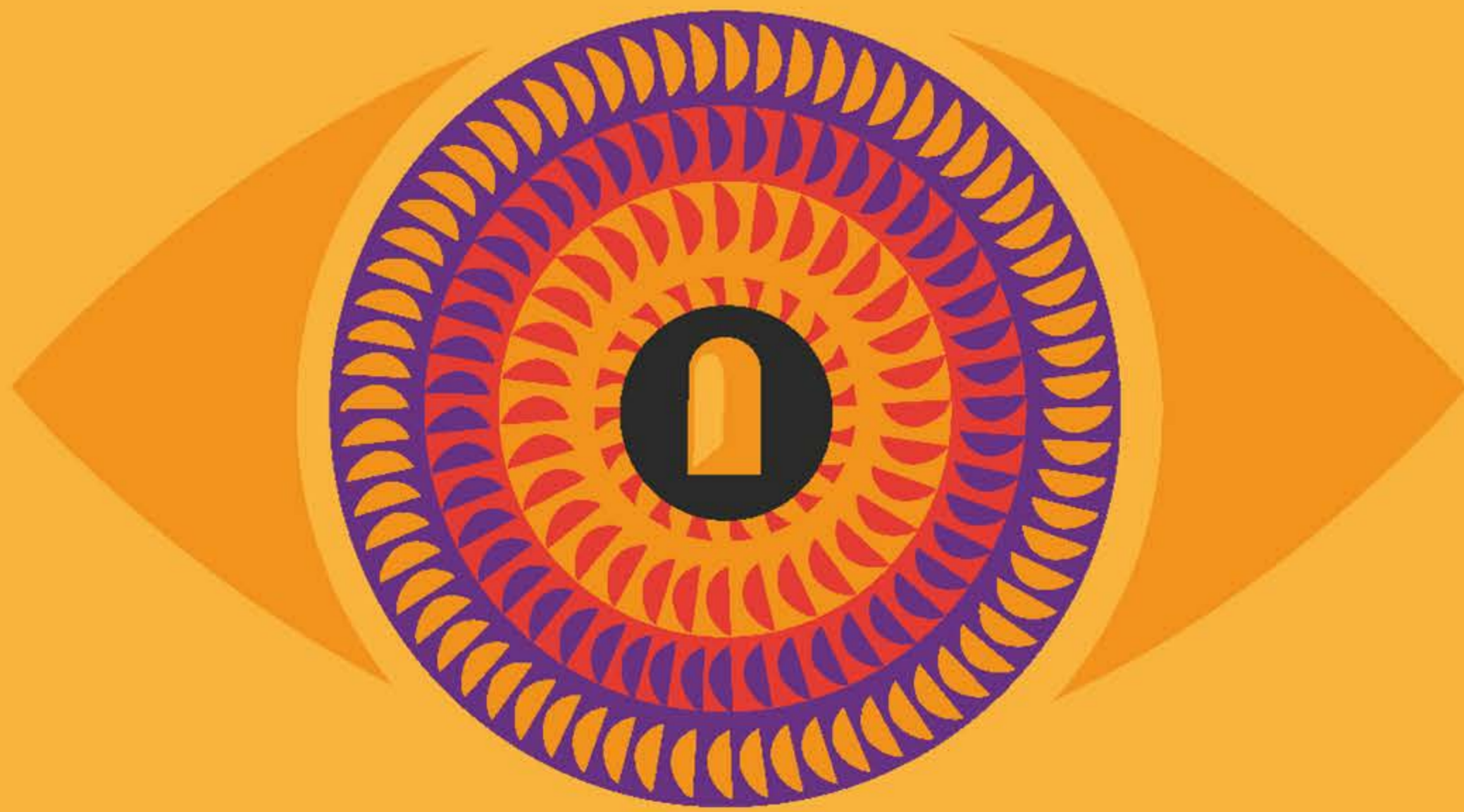


livre



CONTOS

Beatriz Leal Craveiro

Conceição Evaristo

Cristiane Sobral

José Luís Peixoto

Julián Fuks

Lisa Alves

Natalia Borges Polesso

Paulliny Gualberto Tort

Sheyla Smanioto



LIVRE

Livre

Beatriz Leal Craveiro
Conceição Evaristo
Cristiane Sobral
José Luís Peixoto
Julián Fuks
Lisa Alves
Natalia Borges Polesso
Paulliny Gualberto Tort
Sheyla Smanioto



MOINHOS

© Moinhos, 2018.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:

Sérgio Ricardo

Revisão:

LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Capa:

Ana Karina Freitas

Nesta edição, respeitou-se o

Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L788

Livre / Beatriz Leal Craveiro ... [et al.] ; organizado por Beatriz Leal Craveiro.

Belo Horizonte : Moinhos, 2018.

92 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-85-45557-25-8

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Antologia. 4. Liberdade. 5. Anistia. I. Craveiro, Beatriz Leal. II. Evaristo, Conceição. III. Sobral, Cristiane. IV. Peixoto, José Luis. V. Fuks, Julián. VI. Alves, Lisa. VII. Polesso, Natalia Borges. VIII. Tort, Paulliny Gualbert. IX. Smanioto, Sheyla. X. Título.

2018-803

CDD 869.8992301

CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva — CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Contos 869.8992301

2. Literatura brasileira : Contos 821.134.3(81)-34

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

Sumário

- 7 Por que unir literatura e Direitos Humanos?
- 11 Declaração Universal dos Direitos Humanos
- 21 Introdução
- 27 Maçaneta
Beatriz Leal Craveiro
- 33 Do lado do corpo, um coração caído
Conceição Evaristo
- 41 Das águas
Cristiane Sobral
- 45 Texto para mim
José Luís Peixoto
- 49 Os olhos dos pobres
Julián Fuks
- 59 Jardim de ossos
Lisa Alves
- 67 Mangada
Natalia Borges Polessa
- 75 Laurinha dona Laura
Paulliny Gualberto Tort
- 81 Mulher cobra
Sheyla Smanioto
- 85 Os autores

Por que unir literatura e Direitos Humanos?

A liberdade está no cerne de toda sociedade justa, no sentido mais profundo que este termo possa abrigar. E não podemos pensar em justiça sem entender que ela é, antes de tudo, o acesso a determinados direitos indispensáveis. Em princípio, todo ser humano tem direito à vida, à liberdade, ao livre pensamento, à expressão, ao voto, ao trabalho, ao descanso, à educação, entre tantos outros. No entanto, muitas pessoas têm esses direitos violados, às vezes por negligência, às vezes por tirania dos governos aos quais estão submetidas. Foi justamente para combater a barbárie das diferentes formas de totalitarismo que a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, no dia 10 de dezembro 1948. Não por acaso, a *Livre: Festival Internacional de Literatura e Direitos Humanos* bebeu na fonte deste documento para acontecer.

A literatura tem sido, seja na apresentação oral, seja a apresentação escrita, um dos grandes vetores da expressão

humana. Por meio do verso e da prosa, podemos registrar nossas paixões, nossos medos, nossas trajetórias, nossos devaneios, nossas indignações. Não há limite para o que possa ser dito em um texto literário e isso, no meu entendimento, faz com que a poesia, o conto e o romance sejam tão libertadores. Em seu artigo “Direitos Humanos e Literatura”, o sociólogo e crítico Antonio Candido sugere que a importância da literatura é equivalente à da educação familiar, grupal ou escolar, uma vez que ela “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade [...]”. Segundo Candido, a literatura se constitui como ferramenta formadora, apresentando tanto os valores preconizados pela sociedade, quanto os que esta considera prejudiciais. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes”. A *Livre* vai ao encontro do pensamento de Candido.

Na minha opinião, o fazer literário, em seus diferentes gêneros, não tem obrigação a cumprir com a sociedade; não cabe ao escritor a correção do mundo. Mas é importante lembrar que, no exercício de sua autonomia, quem escreve tem o poder de apontar para questões que de outro modo seguiriam obliteradas. Se tudo podemos neste ofício, por que não tratar das complexidades e fragilidades sociais, das lutas e esperanças das gentes? Em se tratando de uma possibilidade, esta me parece das mais frutíferas. Quando pensei em unir literatura e Direitos Humanos neste Festival, e em ter a liberdade como tema

desta coletânea, foi com a intenção de aproximar a arte que mais aprecio das discussões que se fazem urgentes em nossa sociedade.

Acredito que somente cidadãos livres de toda e qualquer forma de alheamento de direitos são capazes de participar integralmente da família humana. Cada vez que uma mulher, uma criança ou um homem são privados de dignidade, há uma ruptura no tecido social que sustenta a todos nós. Defender os direitos humanos, na totalidade dos trinta artigos que compõem a Declaração, se traduz em proteger a comunidade em que vivemos. A saúde de nossas cidades e de nossos campos depende da fraternidade inerente ao convívio social e expressa neste documento. Ao contrário do que muitos creem, os Direitos Humanos não prescrevem a impunidade. Inclusive cita, em seu vigésimo nono artigo, que só podemos desenvolver nossas personalidades, de modo livre e pleno, quando cumprimos com nossos deveres comunitários. O que a Declaração Universal dos Direitos Humanos garante é que não sejamos jamais cerceados, subtraídos, julgados ou punidos indevidamente.

A Livre: Festival Internacional de Literatura e Direitos Humanos quer nada mais que fazer coro com sujeitos e entidades que há décadas hasteiam esta bandeira. Por isso, fiz questão de que o projeto contribuísse com o trabalho da Anistia Internacional, organização com mais de sete milhões de membros e apoiadores. A Anistia vem realizando pesquisas e ações para prevenir e acabar com abusos contra os direitos humanos em todo o mundo e, graças às suas atividades, a justiça foi feita para incontáveis pessoas cujos direitos foram violados. É com grande satisfação que informo que este livro, composto por contos

dos autores convidados, terá cem por cento do resultado das vendas revertido para a Anistia Internacional. Isso não seria possível sem os apoios da Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal, por meio do Fundo de Apoio à Cultura, e do Instituto Camões, na pessoa de seu diretor João Pignatelli. Portanto, não posso encerrar esta breve apresentação sem agradecer a todos os atores envolvidos, da aprovação à execução do projeto. Notadamente, agradeço o engajamento e a boa vontade dos escritores convidados: Beatriz Leal Craveiro (parceira cujo amoroso trabalho tornou viável esta empreitada), Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, José Luís Peixoto, Julián Fuks, Lisa Alves, Natalia Borges Polesso e Sheyla Smanioto. E, claro, minha imensa gratidão a você, que escolheu ler esta obra. Sejam todos livres e façamos deste um mundo cada vez melhor.

Paulliny Gualberto Tort

Diretora e curadora da *Livre: Festival Internacional de Literatura e Direitos Humanos*

Declaração Universal dos Direitos Humanos

Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro 1948.

Preâmbulo

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo;

Considerando que o desprezo e o desrespeito pelos direitos humanos resultaram em atos bárbaros que ultrajaram a consciência da humanidade e que o advento de um mundo em que mulheres e homens gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração do ser humano comum;

Considerando ser essencial que os direitos humanos sejam protegidos pelo império da lei, para que o ser humano não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra a tirania e a opressão;

Considerando ser essencial promover o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações;

Considerando que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta, sua fé nos direitos fundamentais do ser humano, na dignidade e no valor da pessoa humana e na igualdade de direitos do homem e da mulher e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla;

Considerando que os Estados-Membros se comprometeram a promover, em cooperação com as Nações Unidas, o respeito universal aos direitos e liberdades fundamentais do ser humano e a observância desses direitos e liberdades;

Considerando que uma compreensão comum desses direitos e liberdades é da mais alta importância para o pleno cumprimento desse compromisso;

Agora portanto a Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade tendo sempre em mente esta Declaração, esforce-se, por meio do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e in-

ternacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Países-Membros quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.

Artigo 1

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Artigo 2

1. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

2. Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.

Artigo 3

Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 4

Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

Artigo 5

Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Artigo 6

Todo ser humano tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei.

Artigo 7

Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Artigo 8

Todo ser humano tem direito a receber dos tribunais nacionais competentes remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela constituição ou pela lei.

Artigo 9

Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Artigo 10

Todo ser humano tem direito, em plena igualdade, a uma justa e pública audiência por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir seus direitos e deveres ou fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.

Artigo 11

1. Todo ser humano acusado de um ato delituoso tem o direito de ser presumido inocente até que a sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias à sua defesa.

2. Ninguém poderá ser culpado por qualquer ação ou omissão que, no momento, não constituíam delito perante o direito nacional ou internacional. Também não será imposta pena mais forte de que aquela que, no momento da prática, era aplicável ao ato delituoso.

Artigo 12

Ninguém será sujeito à interferência na sua vida privada, na sua família, no seu lar ou na sua correspondência, nem a ataque à sua honra e reputação. Todo ser humano tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.

Artigo 13

1. Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.

2. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a esse regressar.

Artigo 14

1. Todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.

2. Esse direito não pode ser invocado em caso de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

Artigo 15

1. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade.

2. Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade, nem do direito de mudar de nacionalidade.

Artigo 16

1. Os homens e mulheres de maior idade, sem qualquer restrição de raça, nacionalidade ou religião, têm o direito de contrair matrimônio e fundar uma família. Gozam de iguais direitos em relação ao casamento, sua duração e sua dissolução.

2. O casamento não será válido senão com o livre e pleno consentimento dos nubentes.

3. A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado.

Artigo 17

1. Todo ser humano tem direito à propriedade, só ou em sociedade com outros.

2. Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade.

Artigo 18

Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto em público ou em particular.

Artigo 19

Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Artigo 20

1. Todo ser humano tem direito à liberdade de reunião e associação pacífica.

2. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.

Artigo 21

1. Todo ser humano tem o direito de tomar parte no governo de seu país diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos.

2. Todo ser humano tem igual direito de acesso ao serviço público do seu país.

3. A vontade do povo será a base da autoridade do governo; essa vontade será expressa em eleições periódicas e legítimas, por sufrágio universal, por voto secreto ou processo equivalente que assegure a liberdade de voto.

Artigo 22

Todo ser humano, como membro da sociedade, tem direito à segurança social, à realização pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento da sua personalidade.

Artigo 23

1. Todo ser humano tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.

2. Todo ser humano, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.

3. Todo ser humano que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.

4. Todo ser humano tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para proteção de seus interesses.

Artigo 24

Todo ser humano tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas.

Artigo 25

1. Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde, bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados

médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

2. A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio, gozarão da mesma proteção social.

Artigo 26

1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.

2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do ser humano e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

Artigo 27

1. Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios.

2. Todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica literária ou artística da qual seja autor.

Artigo 28

Todo ser humano tem direito a uma ordem social e internacional em que os direitos e liberdades estabelecidos na presente Declaração possam ser plenamente realizados.

Artigo 29

1. Todo ser humano tem deveres para com a comunidade, na qual o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade é possível.

2. No exercício de seus direitos e liberdades, todo ser humano estará sujeito apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática.

3. Esses direitos e liberdades não podem, em hipótese alguma, ser exercidos contrariamente aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

Artigo 30

Nenhuma disposição da presente Declaração poder ser interpretada como o reconhecimento a qualquer Estado, grupo ou pessoa, do direito de exercer qualquer atividade ou praticar qualquer ato destinado à destruição de quaisquer dos direitos e liberdades aqui estabelecidos.

Introdução

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi elaborada três anos após a criação da Organização das Nações Unidas para resgatar e definir os compromissos dos países-membros com os direitos e as liberdades fundamentais do homem. Em seu preâmbulo, está exposta a importância de se estabelecer uma concepção comum desses direitos e liberdades, para que sejam cumpridos de forma plena e congruente entre os países signatários.

A liberdade de opinião, de expressão e de informação, por exemplo, está expressa no artigo 19. Mas, para que essa seja alcançada, existe outra liberdade pré-requisito: a de pensamento, de consciência, de religião, de convicção, estabelecida no artigo 18. Ao ter acesso a tanta informação (e desinformação), tendemos a nos conferir a condição de plena liberdade, quando, na verdade, muitas vezes não discernimos quais pensamentos são, de fato, nossos.

Organizar esta coletânea me permitiu arejar convicções e consciência. Foi uma oportunidade fascinante de entrar

em contato com mentes lúcidas, que generosamente se propuseram a pensar narrativas para ilustrar e compreender a liberdade – ou a busca por ela. Tenho a honra de abrir este rol com um conto que explora o limiar entre a sensibilidade extrema e o diagnóstico de uma mente perturbada.

Em seguida, a história de família concebida por Conceição Evaristo faz questionar a existência da liberdade em uma sociedade em que é preciso escolher entre encarar uma fobia homicida ou viver a “falta de lugar no mundo”. Já a protagonista de Cristiane Sobral encontra, em um trajeto rotineiro, a forma ideal de reacender sua força para enfrentar os efeitos da extrema segregação racial.

O quarto conto, de José Luís Peixoto, coloca o leitor sob o olhar empático de quem se esforça para acessar o diferente – de quem escreve sobre o que nunca será sentido. O conto de Julián Fuks expõe o efeito devastador da desigualdade social. A narrativa mostra que não é necessário construir muros para definir os limites de pertencimento – basta um vidro filmado.

A voz criada por Lisa Alves assusta e resgata a memória do terrível – memória essa que o país se recusa a preservar, mas que, quando sonogada, corre grande risco de se repetir. É necessário ouvir o personagem de Lisa para combater novas vozes perversas possíveis. O apetite do protagonista de Natalia Borges Polessio permite à memória afetiva resgatar o sabor das primeiras autonomias conquistadas: é doce, porém, com a possibilidade de decidir, vem a aflição que é prever e lidar com as consequências.

Uma profissional idosa que já não tem condições de exercer seu trabalho com perfeição é a personagem concebida por Paulliny Gualberto Tort. Em uma relação trabalhista cujas circunstâncias tornam a pessoa completa-

mente dependente de seu empregador, há espaço para a liberdade? Perceba a crítica latente na palavra “dona”. A coletânea se encerra com uma lição sobre como libertar um corpo feminino dos olhos dos outros. Sheyla Smanioto descreve o sacrifício animal pelo qual uma mulher deve passar para permitir que, não só essência, mas também carne, transgridam os limites da pele.

Corpo, desigualdade, autonomia, pensamento. Essas foram as dimensões – entre as inúmeras que o conceito de liberdade permeia – trabalhadas neste livro. A ideia de reunir esses contos nasce da necessidade de se repensar os vários e reais significados de ser livre.

A aceção de liberdade registrada na Declaração Universal dos Direitos Humanos não pode perder força diante de comportamentos reacionários que ascendem em diversos pontos do mundo. No Brasil, movimentos com essas características valem-se de conceitos neoliberais para se apropriar do rótulo da liberdade e estigmatizar, por exemplo, políticas públicas inclusivas, manifestações artísticas e o jornalismo de checagem de fatos.

Registrar interpretações diversas sobre a liberdade é a intenção desta coletânea e dos esforços envidados para a realização da *Livre: Festival Internacional de Literatura e Direitos Humanos*.

Agradeço a parceria da Editora Moinhos, nas pessoas do Nathan Matos e da Camila Araujo, e dos autores que assinam esta obra – em especial à Paulliny, que me convidou para fazer parte desta busca por libertar a palavra
LIVRE.

Beatriz Leal Craveiro
Organizadora da coletânea *Livre*

sem palavras estamos desarmados
sem palavras não existimos
sem palavras estamos mudos, extintos

Nicolas Behr

Maçaneta

Beatriz Leal Craveiro

“um ponto intermediário entre o tudo e o nada”

Blaise Pascal

Por baixo da porta passo os cotonetes sujos, encardidos, pretos os algodõezinhos... Quanto mais sujos, mais a parede está limpa e mais meu trabalho, a contento. Os caminhos de rejunte que separam azulejos não podem ficar pretos, por isso esfrego, esfrego, e o lixo já está cheio.

Será que dói, ser esfregado assim de cotonete? Ela nunca reclamou, a parede.

Pois é, Marta. Ele está lá no banheiro trancado já faz uma semana. Pede para eu levar comida, dorme na banheira... Fica incomodado se alguém entra. E passa o dia limpando a parede e o chão com cotonete, acredita? Tive que passar a usar o banheiro da empregada, para você ver...

Admiro os poloneses. Foi um deles que inventou o cotonete. Esse negócio de a gente querer ser o que não é. Admiração e inveja são quase a mesma coisa.

E minha irmã que não larga esse telefone.

Não me bastam os burocráticos. Cartório, advogado, inventário, testamento, as roupas da mamãe no armário. Ele ainda teve que inventar essa

[...]

É, muita gente já me falou isso, Marta. Mas não acho, não... Meu irmão é excêntrico, mas não é mau-caráter. Ele é só muito sensível.

Quando o telefone toca, normalmente é essa tal de Marta, que não conheço. Mas o problema não é esse. O problema é o barulho do telefone, que berra alguém querendo conversar, mas não podendo fazer isso de outra forma que não escorregando por uma linha enrolada. O toque do telefone é a materialização da agonia.

Minha mãe fala que quando está na casa de outra pessoa e o telefone toca, e a pessoa não atende, e fica lá tocando tocando, aquele barulho alto do lado de cá, alguém esperando do lado de lá aquele som insuportável tuuuu pausa longa tuuuuu, ela diz sentir gosto de metal na boca, igual aquele exame, sabe? Contraste.

Agonia é mesmo uma coisa fosforescente. Minha mãe fala a minha língua.

Pois é, Marta... Mas além da doença ainda tem o luto da mamãe... Faz dois meses já e ele ainda fala dela conjugando no presente.

Prefiro quando é minha irmã quem liga para a Marta. A conversa delas não me incomoda. É só o toque do telefone que interrompe o que penso.

A médica dele me explicou que é como quando saímos do escuro e de repente chegamos no claro. O olho incomoda, às vezes dá até uma dor de cabeça. O mundo é muito claro para ele. Aí se refugiou dentro de si.

O mundo são muitas imagens, cores, luz, volumes que entram no cérebro, percorrem e alteram como as sinapses deveriam ser. O mundo não me deixa ser eu.

Por que as pessoas sensíveis têm mais direito de não lidar?

O azulejo azul. Tanto tempo vendo só azul azul azul azul, ele se torna preto. E branco se considerarmos os rejuntas limpos. Um monte de pretos quadrados contornados por fios de branco.

Será a angústia a banalização da cor? Talvez os deprimidos enxerguem o mundo excessivamente colorido, aí transformam todas as cores em gradações de cinza para dar menos dor de cabeça. Menos sinapses. A realidade é mais confortável quando nublada.

É mesmo cômodo ficar aqui onde a cor indiscernível de todos esses quadrados é cercada por fios de branco que limpo limpo limpo, mãe, preciso de mais cotonetes.

Às vezes ele me chama de mãe. Antes eu tentava explicar, mas agora só finjo ser ela. Não vou me libertar, Marta.

Esse casal de irmãos que nunca se emancipou. Será que esse sempre foi o plano dela? Uma forma de permanecer...

Emancipar-se não é liberdade. Emancipação é tomar decisões e ficar preso às consequências. É passar a ter culpa. “Livre-arbítrio” é só mais um slogan que confunde. O uso errôneo da palavra “livre” me agasta.

Marta, ontem, quando passei no corredor, ouvi-o gemer. Demorou para eu entender o que era. Era um barulho baixo, contínuo, sofrido. Parecia um animalzinho enganchado em alguma coisa debaixo do carro. O ruído de um pequeno mamífero que sofre por não poder sair do lugar. Porém, com voz de gente adulta.

Talvez liberdade seja apenas poder abrir portas.

Abri a porta sem bater. Não estava trancada.

Na verdade, abrir porta. No singular.

Será que ele nunca a trancou e, na verdade, eu que nunca tentei abrir? Acessá-lo é mais fácil do que parece.

Sem recordações inventadas sobre outras portas que tiveram que permanecer fechadas.

A questão é: eu quero acessá-lo?

A verdadeira prisão são as possibilidades.

Ele estava cortando a própria orelha. Quando me viu, suplicou baixinho

desliga esse telefone, eu não quero mais ouvir cores

Liguei para a psiquiatra dele.

cegam meu ouvido.

Ela apareceu lá com uma equipe. Eles o sedaram e o colocaram no quarto. Depois me orientaram a recolocá-lo de volta no banheiro antes que ele despertasse.

Liberdade é um corredor com apenas uma porta. E polegares opositores para a maçaneta.

Eu sei, Marta... Mas não quero trocar de médica. Essa o acompanha desde que papai foi embora.

PAREM DE ME INTERROMPER. ME OUÇAM, CACETE.

Se não querem internar, não querem internar. Quem sou eu para questionar recomendações médicas? Papai fugiu, mamãe morreu... E se o levam também?

O nada é ciência.

Luís. Sou eu, maninho, Augusta. Você reconhece minha voz? Você me ouviu, ainda? Prometo a você que estou tentando encontrar beleza na esquizofrenia. Ela existe. Eu sei que ela existe.

Eu quero dizer que perdoo. Mas antes de a fagulha de lucidez chegar, tudo o que sinto é raiva desse recurso que é a audição.

Só me é incompreensível, ainda.

Até eu escutar

Filho, a vida aqui na morte não é menos angustiante. No fim das contas, a verdade é que a gente não tem escolha. Quem nasce alma de sofrer, assim permanece a vida toda. E aqui também. Nosso corpo nasceu desse jeito, sabe? Com neurotransmissores em quantidades inadequadas. E limpar azulejos, cortar as orelhas, furar os olhos... Nada disso cura essa angústia que é existir.

Sinto-me no colo dela.

É a angústia, filho. Quem nasce com ela, só tem a opção de vivê-la.

O azulejo volta a ficar azul

Eu disse, Marta... Falei que ele poderia ter a depressão que quisesse. Que ele poderia ser triste que a culpa não seria dele. Que são alterações no cérebro e é isso. Acaso hereditário.

[...]

Mas falei tudo isso na língua dele.

[...]

Pois é... E ainda fingi que eu era a minha mãe.

e os rejuntes limpos e os cotonetes sujos.
Tudo no lugar.

E aí, lá para umas duas da manhã, uma coisa incrível aconteceu. Eu ouvi meu irmão roncar. Você acredita nisso, Marta? Ele roncou! Ele estava confortável, em paz. E vivo ao mesmo tempo. Gritando rouco por ar. Acabei dormindo ali, sentada no corredor. Só acordei de manhã quando ele abriu a porta.

Ele estava em pé, Marta! Alto. Em pé.

Do lado do corpo, um coração caído

Conceição Evaristo

Um pedaço de lençol branco veio balançando no ar de mão em mão até chegar ao seu destino final, isto é, no centro da roda, ali, onde um corpo-mulher jazia emborcado no chão. Ninguém conseguia ver o rosto da morta. Só o solo que lhe acolhia a face. Os que tinham escutado os estampidos das balas diziam que no ar havia ecoado uma saraivada de tiros. Outros, dados à ficção, falavam de uma arma branca. O algoz, um homem, havia lhe rasgado mais e mais a boca. Entretanto, só um sinal concreto se presentificava diante dos mórbidos olhares curiosos. O sangue. Sim, havia o sangue que ainda vivo escorria por baixo do rosto da mulher, que parecia beijar o chão. Em meio à contemplação da cena, vozes atravessavam o indiscreto círculo de pessoas tentando explicar umas às outras o que acontecera. Porém, ninguém sabia. Ninguém tinha a verdade dos fatos. Só uma imagem construía a veracidade do momento. Havia um corpo de mulher estendido sem vida sobre o esburacado asfalto de uma rua qualquer. Havia um corpo qualquer, já que até então, nenhum

choro, nenhum grito, lástima alguma reivindicava a dor de ter perdido um ente querido. Na roda contemplativa da morta, a vida seguia em movimentos. Era um entra e sai de pessoas. Dá licença, dá licença, dá licença... Pedidos de passagem para o centro do círculo, com tamanha aspereza dos gestos e tamanho tom impositivo de voz, que os corpos se movimentavam criando espaços nunca antes concebidos. E tudo para ter uma visão mais ampla do corpo emborcado no chão. Uma visão, a mais próxima possível, da morta. Era preciso ver a morte e ali estava um corpo sem vida.

Momentos antes de me tornar como todas as pessoas ali presentes na roda, pude captar a cena pela minha janela. Moradora no quinto andar, em um pequeno apartamento de frente para a rua, tinha eu um camarote, que me abria para o limitado mundo de minha rua. Espetáculos grátis que quebravam a rotina de nosso pacato bairro. Brigas de família, que no auge da discórdia se tornavam públicas. E ainda, mortes quase sempre por acertos de contas e seus desdobramentos, passagem de rolo nas testemunhas. Houve um mês em que sete jovens negros, juntos, de mãos dadas, na madrugada, receberam quinze tiros. Um enterro coletivo se deu, acompanhado de gritos, blasfemas e rogos de justiça. Nada. E a implacável vida em seu prosseguir foi sedimentando o silêncio da família dos mortos. Eu mais ou menos imune a esses acontecimentos seguia com minhas abafadas dores. Viúva há três anos, longe de todos os meus familiares, apenas lamentava a perda de meu marido. Narrava para quem me conhecia e para quem me desconhecia também, todos os pormenores da morte de meu esposo. A cada detalhe narrado, um escavar da dor era feito. Não só da minha. Eu fazia questão de

relembrar o sentimento de culpa que passou a perseguir o Josué pai, anos e anos depois da fuga de seu filho. Menino que levava o mesmo nome do pai. O que entre os nossos familiares gerou uma quase alcunha. Josué Pai e Josué Filho. Meu esposo, Josué Pai, foi morrendo aos poucos de uma dor intensa. Nos últimos anos de vida foi acometido por um remorso profundo pelo que fizera com o filho. Nosso menino, Josué Filho, parecia não ser bem um menino, desde pequeno. Quando lhe era dado carrinhos, ele brincava por poucos instantes, mas seu interesse maior era pelas bonecas das primas. Ao menor descuido de minha parte, pegava o meu estojo de maquiagem e se punha a pintar o rosto. No jardim de infância sempre se colocava na fila das meninas e um dia, aos sete anos, me perguntou o porquê do nome dele ser de menino. E quando eu lhe expliquei que era porque ele era um menino, Josué chorou, gritou e afirmou veementemente que ele era uma menina. O que eu não queria perceber desde antes, bem cedo ainda, no momento mesmo de seus primeiros anos de creche, aparecia veemente afirmado em seu angustiado choro. Entendi, naquele instante, que independente de nosso querer, Josué se sentia outra pessoa. Ele não era, ou melhor, nunca tinha sido o menino que eu parira e que o pai acreditava ser. Entendi que apesar do piupiu-zinho que ele trazia entre as pernas, Josué, nosso filho, era nossa filha. Josué era uma menina. Se eu tive esse entendimento, Josué Pai, enquanto Josué esteve conosco, não teve. Meu marido transformou a vida do filho em um inferno. Ao ouvir o choro desesperado do menino, quis saber os motivos. Josué, entre raiva e tristeza afirmou que o nome dele estava errado, pois ele era uma menina. O pai pegou o menino, arriou a calça dele e no mesmo

instante abriu a própria braguilha. E num gesto também desesperado, quase esfregando as suas partes íntimas no rosto do filho, afirmava em altos brados, que os dois eram iguais, que ele era um menino. Bastava ele tocar as suas próprias partes para perceber o que ele tinha entre as pernas, era algo que as mulheres não tinham. E a partir daquele momento a vida da criança se tornou um inferno. Meu marido tirou Josué da escola em que ele estudara até então, e fez a matrícula dele em uma escola só para meninos. Segundo ele, o menino tinha de frequentar só ambiente masculino e que a dúvida dele, entre ser menino ou menina, a culpa era minha por mimar demais o garoto. E me intimou a deixar a educação do filho somente sob a responsabilidade dele. E a partir daí começou a levar Josué para o campo de futebol, para soltar pipas na praia e semanalmente para o hipódromo, para assistir corridas de cavalo. E Josué crescendo se sabendo ser menina. Eu intervindo pouco, sempre às escondidas. Josué crescia tímido e bonito. Extremamente delicado, mais do que uma menina, e muito amoroso comigo. Quantas vezes choramos abraçados em silêncio. O pai ameaçava colocar o menino para estudar em colégio interno, caso nós ficássemos muito agarradinhos. E aos quinze anos se deu o fato cruel na vida do menino, penso eu. Aproveitando uma viagem rápida que eu estava fazendo para o interior do estado, para visitar uma parenta, que estava quase à morte, meu marido arquitetou a última violência contra o Josué Filho. Contratou uma garota de programa e levou a moça para o quarto do menino. A ordem dada à moça era que ela fizesse o menino experimentar como era gostoso ser homem. Passaram horas e horas e Josué Filho não conseguia. Acuado no canto da cama, Aurora me contou

depois, meu filho chorava em silêncio e pedia perdão por não conseguir querer, por não desejá-la. Momento houve em que o pai se irrompeu pelo quarto adentro, arrancou a roupa do filho e o jogou sobre o corpo nu da moça. O desejo de Josué não reagiu. Nele só a dor, o desamparo, a falta de lugar no mundo macho do pai. E ali diante da moça o pai lhe agrediu mais ainda. “Comeu-lhe na porrada”, essas foram as palavras da moça. Ela temerosa fugiu quando percebeu que o meu menino, ou melhor, a minha menina, chorava sangue de seu olho esquerdo machucado. E quando eu voltei da viagem, cinco dias depois, Josué, minha filha, tinha fugido de casa. Tenho o bilhete, em que ela me chamava de mãe, minha igual, na condição de mulher e no sofrimento imposto pelo pai. A partir desse dia nunca mais vi minha filha. Tinha notícias dela, no dia da fuga ela se escondeu em casa de alguém, parente da garota de programa, soube depois. De lá viajou para o Rio, depois para São Paulo e, tempos depois, conseguiu um emprego e estava indo para Argentina. Sempre me ligava e me perguntava se eu ainda estava na companhia do Josué Pai e dizia que enquanto ele estivesse por perto, ela não voltaria. Confessou ter medo e ódio dele. E assim o tempo ia passando. A ausência de minha filha me doía e a presença de Josué Pai me sufocava, mas eu não sabia reagir. Até que um dia, no meio da noite, acordei com os soluços de meu marido. Assustei-me, ele chorava feito criança chamando por Josué Filho, dizendo que havia perdido o menino. Desse dia em diante foi se aprofundando no sentimento de perda. Perguntava se o menino não ia voltar para casa, confundia o passado remoto com passado recente. Falava de nosso casamento, de minha gravidez, do batizado do filho dele e da namorada

linda, que ele, Josué Filho, tinha levado para dentro de casa, para o quarto. Afirmava que o menino era um macho safado, levava as namoradas para o quarto. E assim continuou em seu delírio, não falando coisa com coisa, depois entrando em estado vegetativo, durante quase dois anos, até falecer.

Minha filha continua me escrevendo, me afirmou que vai voltar, que vem me ver por dias. Pediu-me perdão dizendo que havia transformado o seu corpo em outro corpo e que eu teria dificuldade em reconhecê-la. Eu lhe respondi que o corpo era dela, era ela a única dona. E que o meu amor por ela estava sacramentado desde sempre. O meu coração estaria sempre do lado do corpo dela, qualquer que fosse a forma que esse corpo tivesse...

E cá estou eu, nem sei por que contemplando esse corpo caído no chão. Debruço. Olho a cabeça do corpo morto. Parece de uma mulher bem jovem. Ela devia ser vaidosa. Longas tranças espalhadas lhe cobrem a nuca e parte dos ombros. Sinto um arrepio, parece que eu já vi esse corpo por trás. Essa silhueta não me é estranha. Tenho essa imagem no fundo de minhas lembranças. Quem será essa mulher? Alguém me sussurra ao lado que foi um crime de homofobia. Penso em Josué Filho, que não é filho e sim minha amada filha. Preciso me afastar daqui. Essa cena me traz lembranças de antigas dores. Minha filha diz que virá por esses dias. Estou cansada. Tudo em mim dói. Crime de homofobia. De quem é esse corpo? É preciso resguardá-lo. A polícia está demorando. Preciso me aproximar mais. Quero ver esse corpo de perto. Há um detalhe perto do corpo, que eu não tinha visto. Uma pequena bolsa a tiracolo. Bolsa igual a minha. É a bolsa que minha filha me pediu um dia. Presente que eu lhe

dera escondido do Josué Pai. Preciso me aproximar. Dá licença, dá licença, dá licença... Vejo-me empurrando todos. Dá licença, vida me dá licença, me dá licença.

Conheço esse corpo, saiu de mim. Planto-me aqui, eu sentinela de um corpo assassinado que não consegui guardar. Essa é a minha menina! Tenho dor. Meu peito explode. Algo me fere o peito. Quem matou minha menina? O pai? Eu? Vocês? Quem matou minha menina? Quem matou minha menina?

Das águas

Cristiane Sobral

Omi poderia atribuir o desânimo ao calor excessivo dos últimos dias. Contudo, no universo múltiplo dos sentidos das mulheres, sabia. Sentia. Seu corpo estava cansado. O dia não seria fácil, como não eram descomplicados os instantes de segunda a sexta em horário letivo. Também, era como era. Hiperbólica, opulenta, justamente em um país de modelos europeus predominantes, cada vez mais esqueléticos, diria.

Nenhum desses adjetivos lhe cabia. Suas medidas, suas curvas, eram excessivas para os moldes. Sua pele fora tingida com muita melanina. Os cabelos, fortes, crespos, apontavam para o alto, não balançavam com o vento nem estavam nas propagandas de xampu. Estaria condenada aos cantos do mundo? Não. Gostava muito de ser como era. Precisava encontrar um jeito. Um caminho. Entretanto, a vida não era simples, teria que lidar com as dificuldades do dia a dia.

– Macaca! Bombril! Nega maluca! Filha da senzala!

Esses gritos perseguiram os seus ouvidos desde que fora ofendida no trote dos calouros. Aquele pessoal não estava de brincadeira. Não era bem-vinda. Doía sim, porque desumanizava, agredia. Logo ela, sempre tratada com tanto carinho. Nem de longe as limitações materiais de sua comunidade trouxeram aborrecimentos como os sofridos na cidade grande.

Tinha motivação para estar onde estava. Uma profecia de sua avó, benzedeira, pouco antes da morte, revelou que ela seria herdeira do seu dom de cura. Desde então, Omi resolveu enfrentar a selva das cidades e cursar medicina. Lutaria pelo reconhecimento das culturas tradicionais e pelo diálogo com o universo da ciência. Faria tudo por sua gente, admirava a resistência de seu povo, as tradições culturais e religiosas, amava profundamente seu quilombo-chão, como amava seu corpo, seu primeiro território.

Mas não tinha ilusões. Sabia que precisava ser forjada para conquistar seus objetivos. Sabia que precisaria lutar para conquistar o seu espaço no mundo. Provas realizáveis, outras difíceis.

Hoje, por exemplo, precisava sair de casa, mas não conseguia encontrar uma roupa apropriada. Já colocara as peças possíveis sobre a cama e a indecisão reinava. Sempre a mesma querela. Não havia ali tecido capaz de contemplar a sua diferença. Estava em conflito com os seus espelhos. Sentia-se incompreendida. Ah se pudesse apenas ficar ali! Sozinha no seu quarto gostava de estar nua, sentia-se plena, livre. Bela. Reinava em seu mundo. No fundo sabia que esse impasse com as roupas era fútil, sem importância, mas essa verdade não cabia no mundo capitalista pautado pelas aparências. Diante das roupas pensadas em P, M e G, tudo parecia inapropriado ao seu

estilo. Não cabia nos padrões, como se o mundo lá fora não fosse para ela.

Todos os dias, ao sair de casa, o preconceito e o racismo já estavam de pé, a sacudir com cinismo as suas certezas. Ainda não encontrara as armas apropriadas para enfrentá-los e vencer. Não queria estar só em suas trincheiras. Gostaria da companhia de um exército a multiplicar suas forças. Na ausência desse reforço, haveria de encontrar um jeito. Fracassar não fracassaria. Sentia que a força dos seus de hoje e de ontem inspirava os seus passos.

Todos os dias, refletindo sobre suas contradições, enquanto percorreria a pé o longo caminho até o ponto do ônibus que a levaria, depois de horas de viagem, à Universidade onde era a única negra de sua turma, pensava em desistir. Justo porque aquele percurso abrigava o caudaloso rio da sua infância, de águas conhecidas que emanavam o cheiro da terra fértil, molhada pelos sonhos de um tempo feliz vivido com o afeto e o axé dos novos e dos mais velhos de sua comunidade. Mas sabia que para lutar pelos seus, precisava ir às aulas. Mesmo de posse dessa certeza, vivia seus paradoxos. No trajeto, ouviu o insistente chamado do seu corpo que reivindicava o encontro com aquelas águas. E se parasse para tomar um banho de rio? Quem sabe retroceder não seria também um meio de avançar?

Levada por urgências íntimas, não resistiu. Entrou despida. Nas águas buscou respostas. Mirou-se. Para o seu espanto, não viu no reflexo do espelho das águas a sua imagem distorcida pelas lentes da sociedade. Sentiu o toque do líquido convidativo a percorrer suas extremidades, um suave arrepio na pele a transportar sua alma para outra dimensão. Sob as águas, um tom amarelo que

a princípio tentou compreender como os raios do sol penetravam o líquido transformador. Não era o sol. Oxum estava lá. Majestosa e vestida com o mais puro ouro, dançava sobre as águas. Nunca havia visto Oxum, mas sabia que era ela. Estava ali como parteira, a anunciar o seu renascimento. Aceitou. Respirou fundo. Mergulhou naquelas águas negras por um tempo incontável aos olhos da ciência. Um tempo mítico, ancestral. Um novo tempo a girar em círculos infinitos.

Ao sair das águas, sentia-se livre, única, completa. Oxum seguia à sua frente a abrir caminhos. Não estaria só. Fortalecida, Omi estava pronta a ocupar o espaço que era seu. Ao enxergar sua imagem nos espelhos de Oxum, pôde ver seus antepassados em uma terra distante, lá no solo africano, onde vivia o seu povo guerreiro em tempos de fartura, de dignidade humana e de produção de conhecimento. Com Oxum, sua diáspora fora enfim revelada, Omi conseguiu finalmente recuperar sua essência roubada. Nunca mais deixaria de admirar a própria beleza em seus espelhos negros. Mamãe Oxum ainda deixou música em seus ouvidos:

Úmida flor

Oxum matou minha sede de água

Oxum lavou meus olhos com mel

Lavou meus olhos

Oxum matou minha sede de água

Oxum lavou meus olhos com mel

Restaurou meus espelhos de beleza

Oxum matou minha sede de água

Oxum lavou meus olhos com mel

Colocou a riqueza do ouro em minhas mãos.

Texto para mim

José Luís Peixoto

*Saber é lembrar-se.
Aristóteles, Poética*

Zé Luís, nunca te esqueças dos homens que puxam riquexós nas ruas de Deli. Nas subidas, levantam-se do banco das bicicletas para usarem o peso inteiro do corpo em cada pedalada. No banco do riquexó, podem ir sentadas três pessoas, quatro, uma família com filhos ao colo, pode estar empilhada uma altura de sacos, madeira, pedras, barras de ferro. Os homens que puxam riquexós nas ruas de Deli têm vinte, trinta ou sessenta anos, parecem ter setenta, e vestem todos os dias a mesma camisa rasgada, os pés desfazem-se nos chinelos, as mãos agarram o guiador da bicicleta porque esse é o seu ponto de apoio no mundo, é ele que os impede de se afogarem no pó: terra castanha que se cola ao suor. Os homens que puxam riquexós nas ruas de Deli são capazes de sorrir debaixo dessa terra que os cobre, os seus olhos existem; são capazes de dizer algumas palavras em inglês, *thank you, sir*.

Quando o trânsito não tem solução, quando a estrada é um muro de camiões feitos de lata e parados, motas a passarem pelas folgas estreitas de autocarros negros como

galeras, carros antigos, vacas desentendidas, cães exaustos, e pessoas em todas as direções, esses homens de ossos desenhados na pele do rosto são capazes de levantar os riquexós no ar, de passá-los sobre os separadores centrais e de continuar a puxá-los, todo o seu peso, no outro lado da estrada, em contramão. Não te esqueças deles, Zé Luís. Não te esqueças da sua vontade muito maior do que a miséria, muito maior do que todas as facas, todo o veneno. Esses homens foram aqueles meninos que, hoje, agora, caminham sozinhos nessas mesmas ruas de Deli e estendem a mão a pedir uma rupia ou brincam, esquecidos das buzinas que se embaraçam à sua volta. As suas mães, vestidas com saris, continuam a cavar buracos na berma da estrada, a carregar alguidares com terra e pedras à cabeça. Os seus pais continuam a atravessar a cidade a pé apenas para chegarem ao outro lado e regressarem sem nada. O calor queima-os a todos por igual.

Por isso e por mais do que isso, não te esqueças dos homens que puxam riquexós nas ruas de Deli, Zé Luís. Depois de quilómetros a puxarem um casal de namorados, o rapaz irá pagar-lhes 10 rupias (60 rupias = 1 euro, mais ou menos) e se o homem, ainda sentado no banco da bicicleta, achar que merece 20, se abrir a boca para dizer duas palavras abafadas em hindi, o rapaz há de dar-lhe dois murros onde o apanhar, no peito ou na cara. E o homem que puxa o riquexó há de encolher-se porque estará já rodeado por muitos outros rapazes, de castas mais altas, que o olham com o mesmo desprezo do casal de namorados. Como te atreves?

Durante o dia, os homens que puxam riquexós nas ruas de Deli poderão trocar uma nota suja por pão (naan) e água. Enquanto o estiverem a mastigar, terão os olhos

abertos e sentir-se-ão privilegiados. À sua volta, monges com os braços cortados pelos pulsos, cegos agarrados às paredes, raparigas despenteadas a vasculharem montes de lixo. Ao serão, os homens dobrar-se-ão sobre o banco do riquexó e, após instantes, poderão adormecer por fim. Se alguém chegar e lhes empurrar os ombros, serão capazes de reconstruir a organização dos ossos, passar a palma da mão aberta pelo rosto, lixa, e pedalar até onde for preciso, 10 rupias. O que se espera da vida? Há um corpo, a pele, e há o sofrimento que se é capaz de conceber, o conforto que se desconhece. Zé Luís, os homens que puxam riquexós nas ruas de Deli estão neste momento a sonhar com aquilo que rejeitas e agradecer aquilo que deixaste de sentir. Não são eles que correm o risco de se esquecer da vida, és tu. O teu padrinho tinha uma bicicleta igual àquela com que eles puxam o riquexó. Lembras-te ainda de como soava a sua campainha à entrada da rua de São João? Lembras-te ainda da sua voz quando falava para ti?

Quanto estiveres a ponto de te preocupar com merdas, os dilemas da poesia portuguesa contemporânea, o IRS, o código do multibanco, os carros que te roubam o estacionamento, a falta de rede no telemóvel, as reuniões de condomínios, o tampo da sanita, lembra-te dos homens que puxam riquexós nas ruas de Deli. É essa a tua obrigação.

Nunca te esqueças do mundo, Zé Luís.

Podes estar descansado, Zé Luís. Eu não me esqueço.

Os olhos dos pobres

Julián Fuks

Porque não faz sentido, ou porque faz e esse sentido é claro demais, transparente demais, evidente demais, tão claro que sua claridade ofusca o olhar, tão transparente que sua transparência o esvai, tão evidente que sua evidência ocupa esta madrugada inteira, esta casa inteira, roubando-me o sono e o calor dos lençóis. Porque não faz sentido, é o que escrevo, e descobrindo-me errado descubro que estou tentando me eximir de algo, redimir uma culpa qualquer, ocultar uma responsabilidade – e me resguardar do fracasso que antevejo no futuro, do fracasso que vislumbro no presente, do fracasso que perscruto no passado. Porque não faz sentido, é o que repito, e ao repeti-lo ganho consciência de que não é a suposta ausência de sentido o que me incomoda e sim outra ausência suposta, falência de toda linguagem, a ausência decretada ou autoimposta do que revele, do que estampe, do que denuncie, do que impressione, do que comova.

Devo dizer, se vou contá-lo, que o episódio nada tem de remoto, nada tem de inexplicável, nada tem de ab-

surdo, pelo contrário, é episódio dos mais óbvios. É sua patente obviedade o que faz dele mais hediondo – é por ser tão banal, tão corriqueiro, ocorrência trivial em cada urbe do mundo inteiro, que o episódio adquire um estranho status de atrocidade. Não que eu tenha o direito de usar essa palavra, não que eu seja o mensageiro certo da atrocidade, eu que aqui me concedo a insônia, o silêncio e a noite alta, eu entre paredes rígidas em meu escritório confortável, eu sob o foco desta luz pálida que me banha os braços, esta luz que lava minhas mãos ávidas sobre o teclado. Quero falar da desgraça do mundo e temo acabar falando apenas da minha própria, tão comezinha desgraça.

Vínhamos, se posso contá-lo, e se ao contá-lo não me arrogo nenhuma exclusividade, vínhamos ela e eu deslizando pelas ruas com os vidros fechados – ela que agora dorme em nossa cama no quarto ao lado, sei pela respiração que ressona, talvez revivendo essa mesma cena imperiosa na insistência costumeira de seus sonhos – deslzávamos, eu dizia, deslzávamos ela e eu pelas ruas com os vidros fechados, e estávamos contentes, éramos felizes, vínhamos lépidos, distraídos, assoberbados. Nos comprzávamos com a mais recente aquisição para a nossa casa, duas poltronas bonitas e acolchoadas com que logo mobiliaríamos, mobiliaremos, este mesmo escritório onde agora me encontro, este espaço vago descavado de sombras que se alongam às minhas costas. Não havíamos comprado, talvez valha a ressalva, um micro-ondas ou uma lava-louça, não havíamos comprado um televisor ou qualquer outro aparelho tecnológico, nenhum símbolo maior da dissipação danosa, nada, até onde posso enxergar, que sugerisse tão de imediato um consumismo inveterado. Nas poltronas nos sentaríamos para ler, sim-

plesmente, lado a lado, ecoando citações interessantes, trocando comentários esparsos, gastando nessa paz doméstica as longas tardes de sábado, até o anoitecer, era o que divagávamos, por isso talvez valesse arranjar também uma nova luminária, era o que discutíamos, quando a ocorrência surgiu à espreita no vermelho do semáforo e sem tanto querer interrompeu nosso uníssono diálogo.

Queria poder dizer que o primeiro que notei foram seus olhos, os olhos opacos dos que sofrem, os olhos que escondem o sofrimento atrás de sua opacidade, os olhos órfãos de todo brilho, de toda espera, de todo afeto – os olhos de miserável. O primeiro que notei, no entanto, foram os passos trôpegos que o aproximavam, a instabilidade de suas pernas e de seus braços, o corpo a tombar para frente, pé ante pé, em solavancos disformes, na iminência indesejável de sua abordagem. Por instinto, alguém dirá, mas estou certo que o instinto nada tem a ver com esta história, por instinto levei a mão ao botão indicado e verifiquei se as portas estavam travadas, travei-as de novo, compensando o ato audível de hostilidade com a abertura de uns poucos centímetros da janela automática. Por essa fresta mesquinha do vidro filmado o homem há de ter me visto apalpando os bolsos por cima da calça, conferindo em patético teatro se não haveria alguma moeda improvável abandonada no cinzeiro, na gaveta entre os bancos, no compartimento interno da porta, virando para ela e indagando sem palavras se ela teria alguma coisa, retornando a ele, ostentando minhas palmas vazias e brancas, alegando agora: Desculpe, estamos sem trocados.

Deve ter havido então alguma hesitação em seus gestos, creio que retrocedeu um passo, esteve a ponto de deslocar a pesada carga de seu corpo esquelético até o próximo

carro, de extraviar assim sua existência no torvelinho de ocorrências imemoráveis que compõem qualquer grande cidade. Em vez disso deteve-se ali por um átimo, algo como alguns segundos compreendidos em sua relativa imensidade, e com o antebraço esquerdo amparou-se no parabrisa, curvou as costas, posicionou os lábios junto à brecha exposta – ocultando suas prováveis pupilas dilatadas, as íris coléricas que eu não observara. Foi em um sussurro grave que ele expressou sua vontade, estas palavras simples que não querem ser digitadas tão cedo, que eu sussurro de volta testando o ritmo ou o impacto, estas sim a citação ecoada nas paredes do escritório, entre as poltronas ainda ausentes: Passa com a roda em cima da minha cabeça? Passa com a roda em cima da minha cabeça?, foi o que ele disse uma só vez, e não era uma ordem, e não era qualquer torta retórica, eu tive certeza, era um pedido sincero em um momento de pleno desespero.

Como reagir, como responder a um tal apelo, como escolher na infinidade de convenções e frases prontas que a cultura nos oferece alguma réplica que se acomodasse em mínima medida à situação assombrosa, ao despautério? Se o homem sequer daria ouvidos às palavras banais que eu lhe dissesse, se ele já se retraía e se preparava para sumir sem mais conversa, se o mundo se ocupava de lhe ensinar com toda eloquência que nenhum pedido seu, fosse qual fosse, jamais seria atendido. E se naquele instante incontível, calado e afogado em saliva, só me era possível cravar os dentes e simular em minha mente aquela cena inaudita, por um segundo apenas, o homem estirando-se à sarjeta, empapando seus trapos na água suja da valeta, colando a orelha no piso, espremendo as celhas, e – apesar de mim e de meus sentimentos, apesar

daquele outro homem sentado ao volante e da hesitação do pé que acelera – aguardando a roda que viria a esmagá-lo sem piedade nem tristeza, a borracha dura a esfolar-lhe a pele, derrapando em sua bochecha, o peso do carro montando-se em seu crânio, dilapidando seus ossos, o rosto a se desfazer, os olhos explodindo enfim, por um segundo apenas, miolos manchando o asfalto de cinza e vermelho.

Por um segundo apenas e eu já não soubera o que dizer, devolvido de súbito ao silêncio de antes, à paz terrível do presente. Ela que agora ressona no quarto ao lado também emudecera, e de um instante para o outro havíamos perdido toda alegria e toda leveza, paralisados quando era importante algo fazer, fechados em nós mesmos, rendidos à inação, circunspetos. Com o olhar seguíamos aquele homem a se afastar, voltando à calçada, escorando o corpo em uma mureta e, para a nossa surpresa, embora nada houvesse de surpreendente, levando as mãos ao rosto e cobrindo-o por inteiro, seus ombros subindo e descendo, o homem lavando com lágrimas suas palmas abertas, era o que parecia, o pobre chorando copiosamente.

Algo era preciso fazer, algo que adiasse o fim daquela cena, antes que o sinal verde nos rendesse, antes que fôssemos liberados e brindados com o esquecimento certo, para seguir nosso caminho na ignorância bendita dos que se creem inocentes. Ei, foi o que eu disse, Ei, mais uma vez, e enquanto esperava que ele reagisse tirei do bolso minha carteira e decidi sem o saber que seria generoso – que, em uma absurda finança dos afetos, se antes eu não pagara um real por seu tropeço, agora eu devia pagar por suas lágrimas ao menos dez. Ele ergueu o rosto desfeito e eu acenei para que viesse, convocando-o com um

ríspido meneio dos dedos, e enquanto vinha vasculhei a carteira em busca da nota certa, mas não a encontrei, só tinha notas maiores ordenadas a esmo. Apelei a ela para que resolvesse, ela que talvez já soubesse meu propósito, ela que devia mimetizar em seu corpo e sua mente cada um dos meus atos e pensamentos, porque éramos ou devíamos ser iguais ou os mesmos em circunstâncias como essa, mas isso não pensei, quanto a isso não me equivoquei naquele momento. Tem dez?, eu lhe pedi, e ela negou com a cabeça, expondo de novo suas delicadas palmas de brancura inconteste. Deve ter havido então alguma hesitação em meus gestos, devo ter titubeado um instante, confesso, como se procurasse a impossível solução matemática para um problema, e do impossível à solução bastou um rompante de largueza. Toma, vê se come alguma coisa, foi o que eu lhe disse, e sem muito me arrepender forcei entre seus dedos constrictos uma nota de vinte.

Partimos, mas desta vez partir não proporcionou o alívio costumeiro, não nos restituiu o frescor pretérito, desta vez pagar e partir não nos exonerou daquele peso. Íamos mudos agora pela larga avenida cruzando a metrópole indiferente, os dedos apertando o volante, ou a saia, ou as coxas, os dentes ainda cravados e os olhos voltados sempre para frente, para o asfalto, sem enxergar um palmo além do que lhes fosse preciso. E se o próprio dos olhos não fosse olhar, e sim chorar? Essa pergunta não me sobreveio, mas, sem que eu visse, as lágrimas já começavam a se acumular em minhas pálpebras, a umedecer minhas córneas há tanto tempo estéreis. E se sua função maior não fosse ver, e sim implorar quando

as palavras desaparecem, e dobrar os rígidos, e abalar os firmes, e comover?

Da galeria de rostos da minha memória recente eu tentava resgatar os olhos daquele homem que ficara no semáforo da rua tangente, os olhos opacos dos que sofrem, os olhos que escondem o sofrimento atrás de sua opacidade, os olhos órfãos de todo brilho, de toda espera, de todo afeto – mas isso era o que ditavam as palavras, isso era o que eu compunha, tão solene, ou o que ditam agora os meus dedos inertes. Eu não olhara em seus olhos, tapados tantas vezes, não vira suas pupilas dilatadas, suas íris coléricas, e agora meus olhos queriam tomar o lugar dos dele, concentrar a tensão da cena, pois as lágrimas já se acumulavam nas pálpebras e eu não podia ceder. Para um homem – eu não pensava, mas sentia ridiculamente – há algo indecoroso em sucumbir às lágrimas, chorar é sempre uma opção entre outras possíveis, e a mais apelativa, a mais histérica. Como se alguém que chora inventasse as lágrimas nesse instante mesmo, e chorar fosse sempre um falseamento, uma indecência.

O sol do entardecer cruzava o vidro em ângulo oblíquo e vinha incidir em minhas retinas, incendiando-as para meu desprazer. Eu não desviava o olhar e evitava ao máximo virar o rosto para ela, não queria que ela me visse abatido por esse instável sentimento, e não dizia nada por medo de que a voz engastasse na garganta, por receio de perder o tom e me mostrar fraco, emotivo, complacente. Ou era isso o que eu desejava em meu íntimo, que ela intuísse minha comoção tão discreta, que ela se impressionasse com minha humanidade a se desvelar numa tarde qualquer, num passeio veloz entre os prédios e suas tantas paredes – e por uma mísera ocorrência, ape-

nas pela aparição demasiado comum de um mendigo em condição abjeta. Sim, era a isso que eu almejava em um foro secreto, agora estou certo, agora que este silêncio mordaz acusa com tanto estrépito a mentira conveniente: queria que ela, sem ganhar consciência da falsidade, ou relevando a óbvia indecência, também se apiedasse e se enternecesse, comigo ou com a imagem do homem que os minutos já começavam a corroer.

Mas como chorar naquele momento, como deixar que aquele pranto suave me envolvesse e garantir que ela o soubesse, sem com isso inadvertidamente constrangê-la? Chorar, eu aprendera, é sempre intimação a uma cumplicidade contrafeita, é sempre um pedido irrecusável de atenção, uma solicitação estridente que, se ignorada ou insatisfeita, não pode senão revelar a insensibilidade alheia, sua tão condenável frieza. Olhá-la com meus olhos lavados de lágrimas seria obrigá-la a me acompanhar na tristeza, seria forçá-la a uma comiseração involuntária. Claro que sua quietude persistente podia significar que ela já se enternecera, que seus sentimentos coincidiam com os meus desde o início, que o episódio alcançara essa ressonância tanto em mim quanto nela – e nesse instante, assim, poderíamos enfim virar o rosto e confrontar nossa mútua condolência, e consolar nossa bondade desvalida, e nutrir nossa ânsia comum por um mundo diferente. Mas eu não podia ter certeza. Nem a espiando pelo espelho eu conseguia me assegurar de que ela era minha cúmplice, de que nossa emoção era a mesma, de que era uníssona também nossa mudez.

De qualquer modo, talvez não precisasse dela para apreciar a beleza daquela sequência. Sim, a beleza, eu percebia me horrorizando em destempo. Eu mesmo já

me comovia mais comigo do que com o maltrapilho de figura evanescente, me regozijando com minha própria comoção, com minha empatia pela dor alheia, me alegrando de entristecer, me consolando com minha própria tristeza. Depois me dava conta do contrassenso e tudo se invertia mais uma vez, desaparecia qualquer regozijo, desfazia-se a empatia em vaidade inconsequente, tomava-me a tristeza pela alegria, e a culpa pelo consolo, e em mais alguns segundos convertia-se em consolo a culpa pelo consolo e em alegria a tristeza pela alegria. Estava parado em um semáforo mais adiante quando percebi que o asfalto já não absorvia meu interesse, e que os olhos que eu fitava pelo espelho não eram os dela, e sim os meus, olhos úmidos embebidos em destempero, mas carentes de qualquer sofrimento.

Eu não sofria; testemunha do descabro de nossa cidade e de nosso tempo, eu não sofria nem quando afrontado pela extrema pobreza. Só podia então me condenar pela falsidade dos meus enleios, por me entregar à tamanha insensatez, pela imoralidade com que eu reagia a uma cena de absoluta dureza, à dor do outro, sua miséria. Chorar uma hora dessas, chorar imerso em pensamentos tão repreensíveis, que volúpia descarada, quanta desfaçatez! E mesmo me condenando eu não me absolvía, pois condenar meu pranto, me envergonhar da desfeita, era cometer o pior dos crimes naquela noite que começava a nascer, pior que imaginariamente passar com a roda em cima da cabeça daquele infeliz: condenar meu pranto era condenar também o pranto dele, era denunciar sua falsidade, sua histeria, sua indecência, era negar-lhe o direito às lágrimas, ao seu corpo, a sua liberdade de ser, era privá-lo de seu derradeiro bem.

Amanhã chegam as poltronas que encomendamos naquele dia, tenho que acordar cedo para recebê-las. Amanhã nossa casa estará completa, ou quase completa, pois não voltamos a falar da necessidade de uma luminária, e a cada fim de tarde estas mesmas sombras cuidarão de se alastrar pelo chão do escritório, cobrindo a superfície de cada móvel e cada objeto. Não poderemos, então, permanecer refestelados nas poltronas até o anoitecer, sossegados, impassíveis, na idílica paz que construímos para nós mesmos. Talvez não possamos descansar nelas nem mesmo à luz branda que se projeta por longas horas, todos os dias, janela adentro. Não faz sentido, sei que não faz sentido, mas, sentados lado a lado, absortos na árdua tarefa de nos distrairmos, ou abrigando as mentes vazias na brancura das páginas de nossos livros abertos, não faz sentido, mas talvez não sejamos capazes de erguer os rostos e confrontar nossos olhos tão despertos.

Jardim de ossos

Lisa Alves

Lá fora o tempo lava todo sangue derramado – é ele, o tempo, o pai das moscas e de todos os carneiros. Consegue vê-los? Andam em círculos. São atraídos pelo sangue. Dizem que os animais de abate exalam medo – pressentem o próprio fim. Consegue ouvir? Estão rindo – risos aptos a ultrapassar a sustentável matéria das três grandes filhas de Gizé. São vozes com aptidões. Vozes permanentes. Vozes que sussurram em meu ouvido maldizeres e cautelas. Vozes que percebem o oponente se aproximar e já aparelham a ratoeira meses antes. Vozes que manipulam todas as marionetes do poder e constroem leis e santos. Sempre que olho para eles noto os trajes corroídos e fétidos. Quantas vezes você eternizou uma pessoa apenas sob um foco? Tem gente que nunca muda para os nossos olhos – tem gente que mesmo mudando de corpo continua igual: mesmo cheiro, mesmos caminhos, mesmos erros e os mesmos pecados.

“Se eles são maus?”

Veja bem: todos possuímos dois lados. É certo que um lado transporta maior peso, maior extensão e contenta mais alguns do que outros, por outro lado, fico feliz, pois se não fosse por eles, eu estaria só. Acredite: a solidão é um caminho rápido para a desistência e com a chegada da velhice tudo piora. São tempos de oxidação. A velhice vem e sentimos a necessidade de compartilhar tudo – é muito peso para um único indivíduo. Multiplicamos rancores, vícios e as manias tendem a piorar. O que mais odeio na velhice é a dependência – dependemos de uma série de situações externas: se chove, por exemplo, eu não vou ao banco e em dias de chuvas os sinais não funcionam e fica impossível atravessar a avenida. Eu sei que envelheci com uma resistência maior – mas meus vizinhos sofrem. Além disso, eu tenho esses dois aí comigo: Mateus e Marcos são minhas moscas, meus carniceiros, meus homens santificados e nada de mau poderá me acontecer.

“Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”.

Recordo da nossa primeira semana juntos – seguiam-me infatigáveis: do quarto para a sala, da sala para a cozinha, da cozinha para a varanda, da varanda para o sótão – uma verdadeira marcha. Além das perseguições cantavam como duas araras domadas:

♪ *“Eu te amo meu Brasil, eu te amo
Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil
Eu te amo meu Brasil, eu te amo
Ninguém segura a juventude do Brasil.”* ♪

Não sei cantar direito, fico sem fôlego, coisas da idade. Surge um tempo que nossas cordas vocais só prestam para maldizer, gritar de dor e pedir socorro.

“E eu?”

Eu precisava saber um pouco mais sobre os dois sujeitos que de um dia para o outro entraram em minha vida. Sujeitos vindos de outros tempos – criaturas que trouxeram todas as justificativas para os meus erros e tornaram-me uma dimensão de pensamentos. Não consigo mais conceber o resto da minha vida sem os dois – existir sem eles é como viver sem memórias. Necessito de expectadores. Raciocine comigo: o que seria dessa casa, desses móveis e dessas medalhas sem nenhum espectador? Só somos quando alguém diz que somos. Não adianta apenas pensar que se é. Você pode até não os ver. Você pode até crer que estou alucinado – só que a ação deles não depende de sua fé. Além disso, eles sabem tudo sobre cada um: quantidade de batidas por minuto, horário que dorme, horas gastas na internet, se faz parte de algum movimento terrorista, o que costuma ler, orientação sexual, se trabalha, se joga paciência, quanto ganha por mês e se de fato ajuda as pessoas ou é mais um humanitário de faz de conta fazendo sua revoluçãozinha de merda na internet. Eles são a prova de que nessa vida nada do que cometemos é uma ação solitária – até nossos crimes mais ocultos são versados por várias mãos. A criminalidade lá fora é uma responsabilidade coletiva.

“Se tenho animais de estimação?”

Não aprecio. Eles também não gostam de mim. Deve ser meu cheiro – um cheiro que nasceu com a velhice.

Uma vez arrisquei criar um gato, conseguimos nos aturar por uma longa semana; na outra encontrei o bichano enforcado no quarto dos fundos. Até então não tinha conhecimento sobre felinos suicidas.

“Crianças?”

Igualmente não gosto. Elas também não me apreciam. Deve ser meu hálito, um hálito que chegou com o nascimento. Já tentei criar uma, atingimos a marca de um ano, no outro ela morreu. Mateus e Marcos contaram que a menina tinha o péssimo hábito de prender a respiração até ficar roxa – eles são sujos e maliciosos, mas sabem das coisas, não posso ser injusto.

“Plantas?”

Nem pensar. Uma vez ganhei um bonsai de brinde e aquela relação não foi muito benéfica. Não sei se você vai conseguir compreender, mas viver assim não é de todo mal – eu não rezo por rajadas de sol. Não preciso de “um lugar ao sol”. Todos os dias desperto sem medo. Você sabe o que é viver sem medo? Sabe qual é o papel que um ser humano deve assumir para chegar neste nível?

“Se eu possuo a consciência limpa?”

A sociedade denunciava os baderneiros e nós fazíamos nossa parte. O povo nos deu aval para tudo. Eu não fiz nada de errado. Certo? Hein? Eu não sou um criminoso. Posso muitas medalhas. Nunca abandonei uma missão. Nunca deixei de abater o inimigo. Nunca traí meus subalternos e muito menos meus superiores. Confesso que os prisioneiros sofriam um pouco: tinha uns que já não sabiam se era janeiro ou dezembro, se era dia ou noite e

essa capacidade de perturbar a mente humana me fascinava mais do que as torturas físicas.

*Tocar o que fere a sanidade humana;
converter o claro no escuro;
desmanchar a fé na vida;
violar o direito de ir e vir;
eliminar o inimigo.*

Quer ir embora? Deveria ter ponderado antes de pichar o meu muro – “Aqui mora um torturador” –, antes de bater na minha porta com desaforos e ameaças. Para que subestimar o velho que passou mais tempo fazendo treinamento militar do que você soma em vida? Você não entendeu o significado de ser “o pai dos carneiros”? As pernas estão dormentes? Sabe o que eu adoraria ver agora? Lágrimas percorrendo esse seu rosto de porco com medo do abate. O congelador está cheio, contudo sempre há um espaço sobrando para carne nova. Adoro carne fresca, carne sem cicatriz moral e que carece urgentemente de ser higienizada pela lâmina da verdade, pela lâmina da ordem e do nacionalismo. É isso o que falta nesse mundo de hoje: lâminas higienizadoras. Aprendi com um general daquela época que uma pedra polida jamais regressa à forma bruta. Você quer ser reconstruído? Precisa de novos olhos? Diga que sim ou começo a lapidação agora e sem anestésicos. Diga que sim, senão corto a tua língua e sirvo para esses dois demônios evangelizadores que vivem comigo. Diga que sim, senão frito essa sua mente subversiva com eletrochoque e amanhã não lembrará mais uma linha sequer da maldita bíblia vermelha. Quer saber: tenho nojo de você. Um monte de nada com coisa nenhuma. Você é um invisível. Eu pelo menos marquei,

plantei sementes que germinaram, serei uma lembrança no coração das gerações. Por bem ou por mal, como queiram me julgar, eu ajudei a escrever algumas linhas da história desse país. A sua geração pegou tudo pronto e mastigado. Geração de merda! Prefiro pegar na mão de um porco comunista daquela época. Vocês são uma piada: acham que sair pelas ruas com plaquinhas vai resolver a vida comunitária. Quanta ingenuidade bestial, meu Deus! Nós continuamos no poder, merdinha! Isso mesmo: continuamos e continuaremos. Você, seu pai, sua mãe, a vadia de sua namorada, todos vocês colocam um dos nossos no poder desde então. E dessa vez desarmamos vocês – colocamos sua geração no bolso e temos a opção de esmagar ou deixar mofar. Chiiii! Silêncio! Os dois se aproximam. Tenho a sensação de que anseiam um contato. Querem conhecer você. A sorte está a seu favor, menino! Gostaria de sentir a lâmina dogmática dos meus hóspedes? Deseja algum versículo antes da reforma? Quer iniciar a revolução pelos olhos? Mateus disse que a candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo teu corpo terá luz. Marcos narra que onde quer que entrava, ou em cidade, ou aldeias, ou no campo, apresentavam os enfermos nas praças e rogavam-lhe que os deixassem tocar ao menos na orla da sua roupa; e todos os que lhe tocavam saravam. Eles querem curar sua alma. Intentam jogar no “mar” esse espírito de porco imundo e vermelho. Você é um sortudo. Não grite! Você não compreende? O que flui é apenas o vermelho saindo dessa carne contaminada por doutrinas impuras e malignas. Não vê a perfuração em seu coração como um antídoto? Não percebe que suas entranhas são desenhos indecentes e só fazem mal para o seu espírito?

O que é a dor da morte, se nascer também é um rompimento agressivo de um ser dentro do outro? Tenha a decência de morrer feito um homem e não como um porco grunhindo desse jeito.

≈

*Percebe que agora já não é mais um Vermelho?
Lamentável, pois já não pode mais nada.
Parece mais belo e mais puro nessa alvura do descanso eterno.
Silencioso assim é melhor e bem mais civilizado.
Tornou-se tão puro quanto os gatos e as crianças
que repousam no jardim.*

Mangada

Natalia Borges Polesso

Antes de bater a porta com um braço escondido atrás das costas, disse ao amigo que só poderia sair para brincar depois que a mãe voltasse do mercado, tinha que cuidar da irmã. A mão pequena sofreu para abrir a lata. Bonita, alaranjada, mas dura, difícil. Com jeito, o menino pressionou o metal e puxou até o vácuo encontrar o ar. E a tampa afrouxou. Caiu estaladinha no chão e rodou, rodou e tremeu, tremeu bem rápido, até ficar estática. Um papel muito fino voou direto para baixo da estante. Ninguém se moveu. Nem ele, nem a irmã menor, nem o gato, que da porta, espreitava. Ficaram quietos todos por um tempo para ver se o tempo mesmo cedia, se algo sucedia de fato naquela lerdeza de tarde. Nada. O menino então juntou a tampa da lata, num salto. Teve que ser rápido, pois o gato já ia fungar em cima. Não, passa fora. Saiu ressentido o bichinho e foi se lambar no canto da sala. A irmã no meio do tapete, onde o sol desenhava dentro de um quadrado verde maior, outro quadrado, sentava sobre uma perninha gorducha e mordida a orelha de um cão

plástico. Dá, ela disse. Você não vai querer isso, você nem pode comer isso ainda. O menino sentou ao lado da irmã com a lata no colo. Mostrou a tampa colorida a ela, que com seus dedinhos agarrou-a, repetindo a sílaba. Dá. Ele desdobrou com cuidado os dedos da menina, virou a tampa de modo que ambos pudessem ver o rótulo e leu: mangada cremosa. Aprendera a ler tardiamente. Aluno problema, diziam. Preguiçoso, diziam. Doce de *maga* manga cem por cento natural peso *liquido* quinhentos gramas, este “g” quer dizer gramas, Lalá, que é um peso. Você deve pesar uns – olha bem para a irmã – cinco quilos, que é cinco mil gramas, mas não é a grama como ali fora, é o nome do peso, entendeu? Dá. Produto brasileiro com pedaços de fruta para comer de colher. Naquela hora pensa que não é precavido o bastante. Deixa a lata sobre o tapete, levanta-se rápido e vai até a cozinha. Aproveita a viagem para tirar a cadeira da frente do armário, o que o incriminaria facilmente pelo roubo da mangada. Recolocou a cadeira sob a mesa, como a mãe e o pai gostavam. Depois teria tempo para arrumar tudo. Abriu a gaveta e pegou uma colher de sopa. O gato miava esfregando-se em suas pernas. Eu já dei sua comida, Olavo, está no pote, lá. E aponta para a porta que leva a uma pequena área de serviço aberta. O gato vesgo ainda miava, se esfregava e olhava para cima como se o menino não tivesse dito nada. Aqui, Olavo. O menino vai até o pote, se abaixa e sacode. O gato corre em sua direção, enfia a cabeça no pote e começa a comer. O menino vai até a pia e pega a colher novamente. Depois a recoloca sobre a pia. Pega sabão, esfrega nas duas mãos com água e escolhe uma nova colher na gaveta. Seu pai sempre o alertava para o fato de que deveria lavar as mãos antes de comer, prin-

cipalmente se tivesse tocado no gato, pois existia uma doença com um nome terrível, o qual ele não lembra, que poderia deixá-lo cego até. O gato fora ideia da mãe, para dar uma responsabilidade ao menino, que diziam ser irresponsável. A mãe mais pensou naquilo para provar que não havia nada de irresponsável no comportamento do menino. De volta à sala, é claro que o pior lhe esperava. Sua irmã não tinha apenas a boca e as mãos lambuzadas de mangada, mas também os olhos, as orelhas, o cabelo, os pezinhos, tudo. O que tu fez, Lalá? Dá. Tu só sabe falar isso? Agora eu vou ter que te dar banho! Olha o tapete! A mãe vai me botar de castigo. Lalá se espicha para enfiar o dedo novamente na mangada e depois na boca. Sorri. O menino suspira desfeito, senta ao lado da irmã e enfia a colher no doce. Tá, mas não podemos comer muito, porque eu tenho que deixar lisinho, fechar o plástico e colocar a lata no lugar. Explica sacudindo a colher cheia do doce, que dança de um lado para o outro na superfície lisa do metal. Enfia o doce na boca. Fica olhando para cima enquanto remexe tudo com a língua. Tu gostou, Lalá? Dá. Eu também. Só mais um pouco. E enfiou a colher de novo até encontrar algo um pouco mais duro. Antes de comer, pegou a tampa para conferir o peso. Líquido. Não entendeu. Tu quer mais? Eu te dou na colher, abre a boca. E pega mais um pouquinho para dar a irmã. Antes eu comi um pedaço de manga. A mãe entrava pelo pátio com sacolas de mercado na mão. Chegou a tempo de ver, pela janelinha da porta, o menino limpar a boca da irmã com a própria camiseta. Lalá, tu já tomou banho no chuveiro, né? Vamos tomar banho com o mano? Ná. Mas eu vou ter que te lavar toda. O menino deixa a lata de lado, e como quem tem uma ideia tão boa

que não há tempo nem de anunciá-la zarpa dali atravessando a cozinha até a área. A mãe pensa em entrar, mas escolhe observar os filhos. O gato dedo-duro mia para a porta. *Shhhhh*. O menino voltou sem a camiseta, que está molhada em suas mãos. Sentou na frente da irmã e começou a limpá-la. Primeiro a mão, depois o pé. A menina fez menção de chorar. Que burro que eu sou. Tá fria, né? Vou esquentar um pouco d'água. A mãe vai até a outra janela para tentar ver o que o filho de sete anos pretende fazer. O menino pega a chaleira, coloca um pouco d'água, leva até o fogão, risca um fósforo. Não dá certo. O braço da mãe treme, ela pensa em entrar, mas de novo, fica. O menino acende o fogo e volta à sala. A irmã comeu mais mangada. Tu vai ficar com dor de barriga, Lalá. A mãe disse que não pode comer muito doce. Eu vou guardar. A menina faz uma careta. E ensaia um choro fingido que o irmão abranda com mais um pouco de doce na colher, não sem antes encher sua boca. Segurou a lata, colocou o plástico novamente sobre o doce e o amassou até ficar lisinho. E disse em voz alta *lisinho*. A mãe riu atrás da porta, face ocultada pela cortina de renda. O menino fechou a lata como pôde e disse para a irmã que já voltava. Ela ficou entretida com a colher e com a mãe que lhe acenava de fora. Mama, diz. Engatinhou até a porta. A mãe vai até a janela da cozinha, olha o filho que agora derrama água fervente numa baixela. Agora ela precisa entrar, mas não entra. Vê que ele põe um copo de água fria também. E enfia o dedo só um pouquinho para ter certeza. Nada de mal. Mergulha a manga da camiseta na água e volta até a sala para não encontrar nem o quadrado de sol, nem o gato, nem a irmã no tapete. Apenas restos de doce. Lalá. Dá. Ele dá a volta na

poltrona. A irmã estava atrás da cortina. Ele a leva de volta e percebe que a água está fria. Vai à cozinha rápido e volta com a baixela. Tudo sobre o tapete, lava a irmã que desta vez não chora. Pronto. A mãe espera. Ele guarda a baixela, põe a camiseta na roupa suja e veste outra que estava na pilha de limpas e não passadas. A camiseta tem marcas de prendedor. A mãe entra. Ele liga a tevê. Tudo bem? Tudo bem. Cuidou direitinho da sua irmã? Sim. O menino limpa um pouco de mangada da orelha da irmã. Sente um pouco de dor de barriga, mas é nervoso. De repente, lembra da lata em cima da mesa e ao correr os olhos pelo pensamento, vê a colher bem na frente da porta. Tu já é um irmãozão, diz a mãe, fico contente que posso contar contigo. O menino aperta a barriga. Lalá sorri. A mãe anda em direção à cozinha. Mãe! O que filho? Senta aqui, tu deve tá cansada, deixa que eu levo as compras na cozinha. A mãe, antevendo algum esquecimento, deixa o menino levar as quatro sacolas, uma por uma para a cozinha e entre as viagens, abre o armário, posiciona a cadeira, guarda a lata, e põe tudo no lugar. Filho, que gentil. A mãe agarra o menino como se para que ele confessasse tudo. Agarra a pequena também, que está úmida ainda do banho de gato. Depois deixa os dois na sala e vai até o banheiro. O menino se sente melhor, a barriga nem dói mais, na verdade, ele é mesmo um ótimo irmão. Quando a mãe volta, Lalá está mordendo uma colher. Onde tu pegou isso, minha filha? O menino olha para a irmã, olha para a mãe, olha para o gato e não diz nada. Luís, como a sua irmã pegou uma colher? É sua chance de confessar. Mas ele não diz nada. A mãe ri por dentro. A inocência é para poucos, pensa. Toma a colher da filha e não pode fazer de conta que não

vê o resto do doce grudado. É mangada, Luis? O menino dispara: Foi a Lalá. Ela queria comer. Tava no chão ela abriu e comeu aí eu comi um pouco e limpei depois, porque ela sujou tudo, mas eu limpei. Filho, tu pode me dizer se quer alguma coisa, nada é proibido aqui, desde que falemos sobre. A mãe não pensava em nada grave. Pensava em comida, jogos, programas de televisão e horários de fazer deveres e ir para cama. Nada poderia ser tão complicado na vida daquelas crianças. A mãe não pensava da porta para fora, não pensava na idade, não pensava que cresceriam e teriam que tomar outras decisões e que nem sempre conversariam e que nem sempre ela estaria ali para observá-los da janela, por trás de uma cortina. Não, não queria nem pensar em tudo aquilo. O menino não diz nada. A mãe dá mais uma chance. O menino pensa que vai ficar de castigo. A mãe só pensa no quanto aquilo é desimportante. O jornal sobre a mesa da cozinha, as notícias, o falatório sobre as eleições, o Brasil. Em nada daquilo ela pensava. Era só um menino que tinha comido um doce. Nada de mais. Ela nem contabilizou todos os “ses”. Se ele tivesse caído da cadeira, se ela tivesse se machucado com a colher, se tivessem se queimado com a água. Há muito havia deixado de considerar os “ses”. Senta com as crianças no chão da sala e pensa em quão boa era sua vida ali naquele recorte, aquele não era um problema. Tu é livre para fazer e para me contar as coisas, Luís. O menino balança a cabeça. A campainha toca. A mãe esfrega seu cabelo e lhe dá um beijo, toma a menina no colo e atende a porta. Era o amigo suado, bola de futebol embaixo do braço. Vamo? Mas antes de dispensar o amigo e fechar a porta, diz ao

filho que não poderá sair para brincar até pensar bem sobre a mangada.

O quadrado de sol já havia definitivamente se apagado quando ele deitou chateado no tapete. Ficou remoendo o doce e pensando em como poderia, naquela hora tão tardia, voltar atrás. Rolou para o lado e viu embaixo da estante um papel fininho e redondo. Espichou o braço para pegá-lo. Tinha cheiro de mangada, devia ter caído de dentro da lata, passou o dedo refazendo seu círculo e teve certeza. Virou o papel e viu umas letras pequenas, bonitas e bem desenhadas; e leu: a liberdade é doce.

Laurinha dona Laura

Paulliny Gualberto Tort

Como é que a gente esconde uma coisa dessas? Hein? Alguém me diga como é que a gente esconde. Está lá, o colchão mijado. Uma rodelona bem no meio da espuma, minha nossa senhora. E tem nem jeito de botar no sol para secar. Cheiro de mijo entranha nas peças. Ainda se fosse um xixi pequeno, desses de criança, mas não. É meu mesmo. Xixi grande, de velha. Tem que botar no sol. Tem que botar. Agora imagine se a patroa resolve entrar aqui e encontra o colchão escorado na janela da área de serviço. Não há desculpa que chegue. Ela vai saber que mijeí no colchão. Ontem à noite já me veio com uma conversa esquisita, perguntando se eu não tinha vontade de voltar para Palmeiras, de ir viver um pouco com minha família. Que família, dona Laura? Meus irmãos já morreram e meus sobrinhos nem conheço direito. Ela pensa que estou avariada. Mas entendi muito bem o intento dessa prosa.

Dona Laura. Dona. Até parece que não troquei os panos de bunda dela, que não carreguei no colo, que não dei mamadeira, que não botei para dormir. Agora

tenho que chamar de dona. Agora, não. Faz tempo. E eu, burra que só, achando que ia ser bom trabalhar para a mulher que vi crescer. Sair da casa da mãe para entrar na casa da filha. Não parece bonito? Trabalhar para uma menina que vi chorar com medo do escuro, que vi cair os dentinhos de leite, que vi nascer peito, tudo. Mas a primeira coisa que ela me pediu foi para ser chamada assim, de dona. Ri pensando até que fosse brincadeira. Era nada. Inventou lá que o marido recebia gente importante, cheia de cerimônia, e que estranhariam o tratamento se eu chamasse ela de Laurinha. Virou dona Laura. Dona Laura continuou. E eu, que troquei tanta fralda suja de cocô dessa menina, fico aqui morrendo de medo de que ela veja meu colchãozinho mijado. Como é que a vida debocha da gente desse jeito?

Para me arranjar com esse colchão, vou ter que passar um pouco de água com desinfetante. Depois pego o secador de cabelo no banheiro da dona Laura e meto o jato quente. Sol, não é. Mas é melhor que nada. Trem mais custoso, a velhice. A pessoa mijar na cama depois de ter vivido tanto. É um desaforo do tempo. Meu medo é que dê para mijar assim toda noite. Já sei. Vou forrar o colchão com uma capa de plástico. Compro uma na Pioneira da Borracha, que é aqui pertinho, e pelo menos isso se resolve. O problema é que também ando esquecida. Outro dia, deixei uma panela de peixe no fogo e saí para comprar um maço de coentro. Parei na banca de jornal, comprei uma revista de novela, conversei com a Maria do Carmo, minha colega, que trabalha no 602. Estava assim bem calma quando encontrei o porteiro e o síndico cheirando a fumaça que saía pela porta do apartamento.

Ô vergonha. Mal consegui enfiar a chave no buraco da fechadura.

Bexiga ruim, cabeça ruim, vista ruim. A dona Laura já percebeu que a idade me chegou. Aquele jeito que eu trepava nas janelas para limpar os vidros por fora, não dou mais conta. Aquela faxina grande de fim de ano, em que eu virava até os sofás de cabeça para baixo, virou uma faxina igual às outras. Se abuso na lida, fico entrevada e aí que não presto mesmo. Mas todo mundo envelhece, não envelhece? O doutor, o padre, o marceneiro. Por que eu não haveria de envelhecer? A dona Laura sabia que, mais cedo ou mais tarde, também eu ficaria velha. A mãe dela, a falecida dona Glória, ficou. A dona Laura viu como era. Ela sabe que chega uma hora em que a gente vai ficando pequenininho de novo, até encolhe. Por que comigo seria diferente?

Ela vive falando da minha pele, que é bonita, lisinha, sem ruga. Ai, eu queria ter uma pele igual à sua. Mentira. Quer nada. É só elogio à toa. Até parece que ela trocaria a pele descascada dela pela minha. Para quê? Para ser perseguida por segurança de loja? Para terem certeza de que ela é empregada doméstica? Nunca, em lugar nenhum, me trataram com importância. Parece que está escrito na minha testa: empregada. E, no julgamento dos outros, ser empregada é coisa muito pouca. Tão pouca que não se tem nem o direito de passar a velhice no mesmo lugar em que se viveu uma vida inteirinha. Se a dona Laura resolver que não sirvo mais, para onde é que eu vou?

Esse colchão mijado, tenho que dar um jeito. Ela não pode pensar que estou estragada. Ainda consigo trabalhar. Sou cozinheira de mão cheia, passo uma camisa social como ninguém, sou jeitosa com criança. Aliás, tudo

quanto é menino gosta de mim. Foi assim com a dona Laura pequena, foi assim com os meninos dela. Acho que, por eu nunca ter tido meus próprios filhos, tenho uma paciência danada com os filhos dos outros. Se eu tivesse tido os meus, minha nossa... Seria doida com eles. Até hoje, quando paro no parquinho para conversar com minhas colegas, os bichinhos correm para perto de mim. A Maria do Carmo diz que parece que tenho açúcar. Até os mais enjoadinhos falam comigo. Só é uma pena que todos crescem e viram uns negócios que nem sei.

Os meninos da dona Laura, graças a Deus, são muito bons. O mais velho casou e está esperando neném. Fico pensando se ele não me quereria para babá deles. Será? Quem sabe? Era um jeito de continuar da família. Da família... Olha eu falando bobagem. A Laurinha dona Laura querendo me botar para correr e eu ainda crente que sou alguma coisa deles. Mas não consigo parar de imaginar que talvez os meninos me tenham mais estima. Empregada de estimação. Era só o que faltava. Cachorro é de estimação. Gato é de estimação. Empregada é empregada e ponto. Não sei a quem estou querendo enganar.

Mas não quero carregar na amargura. Falando desse jeito cometo até uma injustiça. Eu fiz por eles, mas também eles fizeram por mim. No fim do ano passado, dona Laura me levou no oculista, pagou a consulta e mandou aviar a receita dos óculos. Quando ela viaja para o estrangeiro, não deixa de me trazer uma lembrancinha, uma caixa de bombom, uma camiseta. Coisa fina mesmo, que não se encontra por aqui. Se ela fosse megera, nada faria. Sei de muita patroa que não oferece nem bom dia à funcionária. No meu primeiro emprego, criança ainda, até resto do prato dos outros me davam para comer. Na casa da dona

Laura, pude estudar à noite, e é por isso que leio e escrevo direitinho, passear no fim de semana, esses luxos. Vendo por esse lado, o meu pessoal é generoso.

Só que eles querem uma empregada forte para o batedor. Não uma velha caduca que mijar na cama. É justo, não é? Ou não é? Às vezes, não entendo direito o que é a justiça. Eles assinaram minha carteira há alguns anos. Não faz muito tempo, mas assinaram. Vou ter direito à aposentadoria de dois salários mínimos. A Maria do Carmo disse que dá para pagar um apartamentinho de um quarto em Águas Lindas. É longe para chuchu, mas ela contou que é uma cidadezinha boa. Tem comércio e muita gente. Meio perigosa, mas com isso me viro. Vão me roubar o quê? E todo lugar hoje em dia é perigoso. Pensando bem, seria até bom ter assim um lugarzinho só meu. Uma cama nova, uma janela de verdade, umas plantinhas. Dormir, pela primeira vez depois de tantos anos, em um quarto que não ficasse nos fundos. Se eu fosse mais jovem, estaria cheia de empolgação. Mas acho que liberdade não combina muito com cansaço.

Ô, Jesus, fico aqui vadiando nesse caderninho em vez de botar prumo no colchão. Daqui a pouco o xixi seca e vai ficar mais complicado ainda. Podem até me botar para fora, mas que não seja por acreditarem que virei uma velha mijona. Ainda seguro o quê? Uns três, cinco anos de serviço? Se bobear, uns dez. Minha mãe trabalhou em casa de família até os setenta e dois. Mal tinha salário naquela época. Mas ela se orgulhava de voltar para casa no Natal com presentinhos para todo mundo. Um pente, um conjunto de lápis, uma bola de plástico, o que desse. Acho que ela nem percebia que o que a gente queria mesmo do Papai Noel era a presença dela. O bom

de não ter tido filhos é que não preciso deixar ninguém me esperando.

O que atrapalha é esse desacostume que tenho de ficar sozinha. Quando eles saem de férias, acho a coisa mais estranha. O apartamento vazio, ninguém para eu servir a janta, ninguém para eu lavar a roupa, nada. Tem a televisão, mas os programas hoje em dia andam muito rebaixados. Se eu sair daqui, quando eu sair daqui, não sei o que vai ser. Uma pasmeira que só Deus sabe. Isso se eu não ficar doente, credo em cruz. Porque doença bagunça tudo. Agora o que complica mesmo é a falta que eu vou sentir da Laurinha. Menina custosa. Tento não mostrar o tamanho do amor que sinto por essa porcaria. Mas, de vez em quando, me pego ainda olhando para ela e me dá uma vontade sem fim de deitar um beijo naquela bochecha cheia de maquiagem. De guardar as mãozinhas dela entre as minhas e dizer: Fica séria assim, não, minha filha. A vida é boa com você. Fico só na vontade, engulo. E volto para a vassoura, para o tanque, para os panos de chão, sentindo no peito uma quentura que dá até medo. Como é que a gente esconde uma coisa dessas? Hein? Alguém me diga como é que a gente esconde.

Mulher cobra

Sheyla Smanioto

Antes de aprender a descolar o espírito de um homem de seu corpo, eu tinha medo de pegar ônibus sozinha e morrer – em pé, a sacola no ombro, outra maior travada entre as pernas.

Toda vez que um estranho começa a me olhar como se eu não estivesse mais lá, corpo abandonado, baldio, eu sei que ao fim estarei morta, eu tentei contar para minha mãe, “ele me olhou como se pudesse me mover com os olhos”, eu tentei explicar pra ela o medo que eu tinha de que o homem no ponto de ônibus pudesse tirar algo de mim com os dedos dos olhos.

Eu nem pensei em reclamar. Já vi acontecer mil vezes antes de chegar o ônibus. O segredo é fingir que você não está mesmo lá, eu penso entre as sacolas. Ele te olha o corpo largado na rua e o melhor é fingir que você não está mesmo lá porque quando você grita, reclama, o bicho homem leva um susto acha que tem fantasma assombrando o corpo e de volta ele esperneia e fala e fala

e fala e eu tenho medo de eles falarem e acertarem na loteria do que é verdade.

Eu tenho medo da loucura deles dizer quem eu realmente sou, um medo imenso, a morte: um homem olha e treme e a mulher pergunta “já gozou? Porque eu vou descer no próximo, meu amor” e a humilhação de ouvir sua própria verdade vira o homem do avesso e dessa vez ele não diz que ela é uma puta do caralho, vadia, gorda, horrorosa, ele não diz com o pinto ainda duro – uma bexiga aberta, assobiando tonta pelo ar – que ninguém nunca vai querer comer essa piranha, feminista do diabo, não, dessa vez ele é direto, ele diz

“seu corpo é meu”

e a verdade é imensa.

Às vezes eu quero rir dessa loteria e fingir que não tenho medo e dó, mas tenho medo muito medo de que o riso ofenda no ponto e que me matem. “Isso é porque você é nova”, minha mãe disse quando eu falei do medo, do ônibus e da bexiga, “logo você aprende a enxergar a água de um homem se inclinando antes de derramar, você aprende a saber quando vem o braço, a queda, e aí você só vai precisar apanhar quando quiser ver a cara dele olhando para a própria desumanidade, minha filha, é assim que se enlouquece um homem, dizendo pra ele a verdade”.

Eu finjo que acredito na felicidade da minha mãe.

Mesmo assim, toda vez que uma cantada começa eu sei que ao fim estarei morta. Vem um susto, um vazio que eu não entendo. Eu finjo que nada está acontecendo. Eu finjo que não existo onde não me enxergam. E finjo tão completamente que não tenho certeza de que voltarei de não existir. Eu não respiro. Quando me olham e me matam. Porque não me enxergam ali. Eles só veem o corpo largado na rua, sem ninguém dentro, sem lençol para cobrir. É minha morte o que eu vejo nos olhos deles. Minha morte.

Ao fim deste olhar estarei morta, eu penso quando as patas dos olhos dele descolam minha pele, a língua dele corre o beijo e eu ouço a gosma descolando a minha pele indo embora da carne e largando os ossos, mesmo os seus preferidos e eu aproveito e deixo pra trás e vou embora pele retorcida de cobra que se troca bem diante de um predador – eu viro outra – o cobrador olha a pele seca no metal do chão – eu me arrasto:

o próximo, eu que mato.

Os autores

Beatriz Leal Craveiro nasceu em São Paulo, em 1985, e chegou em Brasília em 2004. Seu primeiro romance *Mulheres que mordem* (Imã Editorial, 2015) foi finalista do 58º Prêmio Jabuti. Participou da antologia de contos *Novena para pecar em paz* (Penalux, 2017), com o conto *Luz negra*. Recebeu o prêmio de primeiro lugar do 14º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães (2017), com o conto *O ciclo de vida das borboletas*. Tem contos publicados na revista Traços (Brasília) e Malunga (Goiânia). Escreveu o texto de curadoria e editou o catálogo da exposição *A Cara de Brasília* (2014). É formada em Jornalismo (Centro Universitário de Brasília), com especialização em Relações Internacionais (Universidade de Brasília), Comunicação Pública (Instituto de Educação Superior de Brasília), e pós-graduanda em Gestão de Políticas Públicas (Instituto de Gestão, Economia e Políticas Públicas).

Conceição Evaristo é mineira, radicada no Rio de Janeiro; e professora aposentada do Município do Rio de Janeiro. Estreou na literatura em 1990, com obras publicadas na série Cadernos Negros. É mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Suas obras – em especial o romance *Ponciá Vicêncio*, de 2003 (atualmente publicado pela editora Pallas, 2014) – abordam temas como a discriminação racial, de gênero e de classe. A obra foi traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos em 2007. Em 2015, ficou em terceiro lugar na categoria contos e crônicas do Prêmio Jabuti, com o livro *Olhos d'água* (Pallas, 2014). Em 2017, rece-

beu o Prêmio Claudia na categoria Cultura. Participa de diversos eventos literários no Brasil e no exterior, tendo sido convidada para compor a programação principal da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) de 2017. Ainda em 2017, foi homenageada pelo Itaú Cultural com a exposição “Ocupação Conceição Evaristo”. Já em 2018, ganhou, pela Secretaria Estadual de Cultura, o Prêmio Minas Gerais de Literatura, pelo conjunto de sua obra, além do Prêmio Bravo! na categoria Destaque 2017.

Cristiane Sobral é carioca residente em Brasília. É mestra em Teatro pela Universidade de Brasília, especialista em Docência Superior pela Universidade Gama Filho, licenciada em Artes Cênicas pela Universidade Católica de Brasília e bacharel em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília. Dirige a Cia de Arte Negra Cabeça Feita desde sua fundação, em 1998. É diretora de Literatura Afro-Brasileira do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal. Ganhou o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal de 2017 na categoria Culturas Afro-brasileiras. Ocupa a cadeira 34 na Academia de Letras do Brasil (ALB). Publicou os livros de poesia *Não vou mais lavar os pratos* (Garcia, 2016), *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (Teixeira Gráfica Editora, 2016) e *Terra Negra* (Malê, 2017) e de contos *O tapete voador* (Malê, 2016) e *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção* (Dulcina, 2011). Escreve no blog: cristianesobral.blogspot.com.

José Luís Peixoto nasceu em Portugal, em 1974. É um dos autores de maior destaque da literatura portuguesa contemporânea. A sua obra abrange vários gêneros, da narrativa ao teatro, do romance à poesia, e foi distinguida

com diversos prêmios literários, tais como o Prêmio José Saramago, o Prêmio Libro d'Europa e o Prêmio Oceanos. Os seus livros estão traduzidos e publicados em 26 idiomas. Foi o mais jovem vencedor do Prêmio Literário José Saramago, em 2001, com o romance *Nenhum olhar*, (Agir, 2005), incluído na lista do Financial Times dos melhores romances publicados na Inglaterra em 2007. Sua obra *Morreste-me*, de 2000 (atualmente publicado no Brasil pela editora Dublinense, 2015), foi escolhida como um dos dez mais importantes livros da primeira década do século XXI pela revista Visão. O romance *Uma Casa na Escuridão*, de 2002 (atualmente publicado no Brasil pela editora Record, 2009) foi incluído na edição europeia de *1001 Livros para Ler Antes de Morrer – Um guia cronológico dos mais importantes romances de todos os tempos*. É colunista do Jornal de Letras e das revistas Visão, GQ, Time Out, Notícias Magazine, UP, entre outras.

Julián Fuks nasceu em São Paulo, é escritor e crítico literário. Seu romance *A Resistência* (Companhia das Letras, 2015) recebeu os prêmios Jabuti (Brasil, 2016), José Saramago (Portugal, 2017) e Anna Seghers (Alemanha, 2018). Em 2012, sua obra *Procura do romance* (Record, 2011) foi finalista do Prêmio Jabuti, do Prêmio Portugal Telecom e do Prêmio São Paulo de Literatura. No mesmo ano, foi escolhido pela revista Granta como um dos vinte melhores escritores brasileiros com menos de 40 anos. Seu romance *Histórias de literatura e cegueira* (Record, 2007) também foi finalista do Prêmio Jabuti e do Prêmio Portugal Telecom. Com *Fragments de Alberto, Ulisses, Carolina e eu* (7 Letras, 2004) recebeu o Prêmio Nascente, da Universidade de São Paulo. Foi repórter de

literatura da Folha de S. Paulo e colaborador das revistas Entrelivros e Cult. É doutor em Teoria Literária e mestre em Literatura Hispano-americana pela Universidade de São Paulo. Romances e contos seus já foram traduzidos para oito idiomas e publicados em diversos países.

Lisa Alves nasceu em Araxá (MG), em 1981. Faz parte do conselho editorial da revista Mallarmagens, é editora da Liberoamerica (Espanha) e resenha livros para a revista Incomunidade (Portugal). Tem textos publicados em diversas revistas, jornais e páginas literárias no Brasil, na Espanha, nos Estados Unidos, na Inglaterra e em Portugal. Autora do livro de poemas *Arame farpado* (Lug Editora, 2015), Lisa tem poemas e contos publicados em dez antologias lançadas no Brasil – como *Novena para pecar em paz* (Penalux, 2017), *Poesia gay brasileira* (Amarelo Grão Editorial e Editora Machado, 2017) e *29 de abril* (Patuá, 2016); na Argentina – *Poema capital* (Eloisa Cartonera, 2011); no Uruguai – *Liberoamericanas: 80 poetas* (Liberoamerica, 2018); e no País Basco – *Palestina Poemas* (Biblioteca de Las Grandes Naciones, 2014). Teve trabalhos expostos no Festival Internacional de Videoarte de Barcelona de 2014, participou da III Bienal Brasil do Livro e da Leitura, em Brasília (2016), da Movida Literária, em Brasília (2017), da exposição *Poesia Agora*, da Caixa Cultural do Rio de Janeiro (2017), e do evento “Voices in Oxford – Spanish & Latin American”, na Universidade de Oxford, na Inglaterra (2018).

Natalia Borges Polesso nasceu em Bento Gonçalves (RS), é escritora e tradutora, doutora em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul (2011). Possui graduação em Letras Licenciatura Plena em Português, Inglês e respectivas literaturas, pela Universidade de Caxias do Sul (2007). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura e Ensino de língua Inglesa. É autora dos livros *Recortes para álbum de fotografia sem gente* (Modelo de Nuvem, 2013) – vencedor do prêmio Açorianos de Literatura na categoria contos em 2013 –, *Coração à corda* (Patuá, 2015), de poesia, e *Amora* (Dublinense, 2015), de contos, vencedor dos prêmios AGES Livro do Ano 2016, Açorianos de Literatura 2016 – na categoria contos –, e de primeiro lugar na categoria de contos e crônicas do 58º Prêmio Jabuti, além do prêmio Jabuti Escolha do Leitor. Recentemente, foi selecionada para a coletânea *Bogotá39*, que reúne os 39 escritores mais promissores da América Latina com menos de 40 anos.

Paulliny Gualberto Tort nasceu em Brasília e é neta de candangos. Escritora de ficção, é autora do romance *Allegro ma non troppo* (Oito e Meio, 2016), semifinalista do Prêmio Oceanos de Literatura 2017. A convite da organizadora Cinthia Kriemler, participou da coletânea de escritoras brasileiras *Novena para pecar em paz* (Penalux, 2017) com o conto *Mirna*. Já seu conto *Domingo sem missa* foi finalista do Prêmio Off Flip de Literatura 2018. Estreando na literatura, integrou a coletânea com os dez melhores contos do Prêmio Maximiano Campos 2008. Idealizou a Livre: Festival Internacional de Literatura e Direitos Humanos, tendo antes feito parte da curadoria e da produção da *Movida Literária*, evento que reuniu escritores

na cidade de Brasília em 2017. Tem contos publicados pela revista Traços, pela revista eletrônica Raimundo, pela Amazon e por blogs diversos. Participou de oficinas de escrita criativa com grandes escritores, tais como Charles Kiefer, João Gilberto Noll e Noemi Jaffe. Especialista em jornalismo literário e mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade de Brasília, produz e apresenta o Marca Página, programa sobre literatura veiculado pela Rádio Nacional (AM 980 e FM 96,1).

Sheyla Smanioto nasceu em 1990 em Diadema-SP – a cidade mais violenta do país à época –, em uma família de classe baixa. Em 2017, foi apontada pela revista Forbes como um dos jovens com menos de 30 anos que fazem a diferença no Brasil. Mestre em Teoria Literária pela Unicamp, é autora de *Desesterro* (2015) – romance mítico sobre ser mulher no Brasil –, que recebeu os prêmios Sesc de Literatura, Machado de Assis da Biblioteca Nacional e Jabuti. Entre seus outros trabalhos, estão o livro de poemas *Dentro e folha* (2012) e o curta-documentário *Ossos da fala* (2013), contemplado pelo programa Rumos Itaú Cultural – Cinema e Vídeo. Venceu o IV Concurso Jovens Dramaturgos com a peça *No ponto cego* (2014). Com textos feitos para serem lidos com o corpo inteiro, e também com sua performance, participou de eventos dentro e fora do Brasil, como o Printemps Littéraire Brésilien e o Salão do Livro de Paris. Contou com apoio do Rumos Itaú Cultural para escrever seu segundo romance, *Meu corpo ainda quente* (a ser publicado). www.sheylasmanioto.com.

Este livro foi composto em tipografia Meridien no papel pólen bold, enquanto o inverno começava a chegar, e a voz de Elza Soares cantava *Dentro de cada um*, em junho de 2018, para a Editora Moinhos.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi proclamada em 1948, em um esforço para proteger a humanidade das atrocidades cometidas durante as duas guerras mundiais da primeira metade do século passado. Setenta anos depois, não são poucos os países que, mesmo signatários da Declaração, seguem rotineiramente violando os direitos humanos.

Na segunda década do século XXI, comportamentos fascistas ascendem em diversos pontos do mundo – como acontecia há cem anos –, o que torna urgente que cada indivíduo reflita sobre o que significa ser livre.

Os contos deste livro trazem nove reflexões sobre a liberdade – seja no âmbito pessoal, seja no contexto social. A partir das palavras dos autores que assinam esta obra, outras visões podem se despertar e possivelmente contribuir para o amadurecimento da discussão sobre os direitos fundamentais.

Que a literatura seja um caminho de mudança!

Beatriz Leal

Organizadora da coletânea.

Esta publicação foi realizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

Realização



Apoio



Parceria Institucional



Patrocínio



Secretaria de
Cultura

GOVERNO DO
DISTRITO FEDERAL

